

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM  
LINGUÍSTICA**

**O SUJEITO SURDO E A COMUNIDADE SURDA: ATITUDES LINGUISTICAS DO  
CONTATO ENTRE A LIBRAS E A LÍNGUA PORTUGUESA**

**TATIANE GOMES OLIVEIRA SOARES**

**CÁCERES-MT  
2017**

**TATIANE GOMES OLIVEIRA SOARES**

**O SUJEITO SURDO E A COMUNIDADE SURDA: ATITUDES LINGUISTICAS DO  
CONTATO ENTRE A LIBRAS E A LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística. Orientadora:

Prof.<sup>a</sup> Dra. Gislaine Aparecida de Carvalho

**CÁCERES-MT  
2017**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Dr.<sup>a</sup> Gislaine Aparecida de Carvalho– UNEMAT  
Orientadora**

---

**Dr.<sup>a</sup>. Jocineide Macedo Karim– UNEMAT**

---

**Dr. Antonio Carlos Santana de Souza - UEMS**

Este trabalho é dedicado à Professora Dra Edileusa Gimenes Moralis, à quem o tempo recolheu sem nos avisar. (*In Memoriam*)

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por iluminar e proteger cada etapa de minha vida, por conceder-me uma segunda oportunidade de viver, proporcionando-me a chance de ser um ser humano melhor.

A minha família, Irís e Bárbara, pela compreensão de constantes ausências e pelos estímulos à continuação e conclusão deste trabalho.

Aos meus demais familiares, minha eterna gratidão pelo apoio e incentivo.

Aos meus parceiros de mestrado e de vida, Eureca, Tássia, Jaqueline e André, pela atenção a mim dedicada, pelo incentivo, pelo profissionalismo e competência de cada um ao auxiliarem nessa pesquisa.

Aos meus demais colegas de mestrado, gratidão pelo conhecimento compartilhado, pelo apoio e incentivo para que eu nunca desistisse.

A toda família Gimenes, expresse minha gratidão eterna, pelo carinho e respeito em que me acolheram em um momento tão delicado, e por contribuírem para que eu não desistisse dessa pesquisa.

A minha orientadora, prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gislaine Aparecida de Carvalho, pela confiança, pelo carinho e pelo respeito que sempre demonstrou ter por mim.

À Banca, pelas honrosas e valiosas contribuições.

A todos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística e da UNEMAT que, direta ou indiretamente, contribuíram para a minha formação acadêmica e para a realização desta pesquisa.

À Capes, pelo apoio financeiro.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP – UNEMAT.

À UNEMAT pela oportunidade.

Aos informantes, essência deste trabalho, minha eterna gratidão.

A todos, meus sinceros agradecimentos!

## RESUMO

O presente estudo toma como foco de investigação as atitudes linguísticas de informantes ouvintes e informantes surdos no contato linguístico entre a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa inseridos na comunidade surda do município de Cáceres-MT, a fim de identificar e analisar as atitudes linguísticas de falantes/sinalizadores (sujeitos surdos, intérpretes e gestores de escolas na cidade de Cáceres-MT) da LIBRAS por meio de entrevistas com questionários direcionados a cada grupo selecionado, bem como identificar e analisar o juízo de valor atribuído à LIBRAS em contato com a Língua Portuguesa por estes usuários. Esta pesquisa assume o aporte teórico da Sociolinguística, no seu olhar para o tema atitudes linguísticas e sua estreita relação com o fenômeno da variação linguística. Para elaboração deste trabalho foram selecionados três grupos de informantes imersos na comunidade surda: gestores de escolas, intérpretes e sujeitos surdos, os quais foram entrevistados a partir da aplicação de um questionário-guia. As entrevistas foram gravadas em áudio e/ou em vídeo, contexto em que os informantes responderam a questões centrais e periféricas, em que as primeiras correspondem ao foco de estudo, enquanto as últimas têm como objetivo descontrair o informante para que este apresente uma narrativa o mais natural possível. As atitudes linguísticas identificadas, de maneira geral, apresentam relação com o fenômeno da variação linguística, manifestam um saber e um discurso público sobre as línguas em contato, bem como estão carregadas de estereótipos linguísticos, os quais ratificam preconceitos linguístico-sociais, oriundos das raízes históricas construídas no entorno do sujeito surdo, considerado, durante tempos, como um sujeito deficiente.

**Palavras-chave:** LIBRAS. Sociolinguística. Atitudes linguísticas. Línguas em contato.

## ABSTRACT

This piece of study investigates the linguistic attitudes of hearing informants and Deaf informants in the linguistic contact between Brazilian Sign Language (LIBRAS) and Portuguese Language within the Deaf community in Cáceres-MT, aiming to identify and analyze the linguistic attitudes of LIBRAS' speakers/signers (Deaf subjects, interpreters, and school managers from the city of Cáceres-MT) through questionnaire-oriented interviews for each of the selected groups, as well as to identify and analyze the value assigned to LIBRAS in contact with the Portuguese language by those users. This research is theoretically located in the field of Sociolinguistics, in its view over the topic of linguistic attitudes and its narrow connection with the phenomenon of linguistic variation. For the preparation of this work, three groups of informants were selected among those immersed into the Deaf community: school managers, interpreters and Deaf subjects, who were interviewed through the application of a questionnaire. The interviews were recorded in audio and/or video, in which the informants answered to main and side questions. The first are related to the focus of this study, while the last intended to relax the informant for him/her to present the narrative in the most natural way. The identified linguistic attitudes, in general, present a connection with the linguistic variation phenomenon, express a knowledge and a public discourse about languages in contact, as well as full of linguistic stereotypes, which ratify sociolinguistic prejudices, originated in the historic background that surrounds the Deaf subject, considered, for a long time, a disabled subject.

**Key-words:** LIBRAS. Sociolinguistic. Linguistic attitudes. Languages in contact.



## **LISTA DE TABELAS**

**Tabela 1** – Amostra de informantes

**Tabela 2** – Identificação dos informantes

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO.....   | 11 |
| 1 A HISTORIOGRAFIA DO SUJEITO SURDO E A EDUCAÇÃO EM LIBRAS.....   | 13 |
| 1.1 O Surdo na Antiguidade .....                                  | 15 |
| 1.2 O Surdo na Idade Média.....                                   | 16 |
| 1.3 O Surdo na Idade Moderna.....                                 | 17 |
| 1.4 O Surdo na Idade Contemporânea.....                           | 19 |
| 1.5 Educação de Surdos no Brasil .....                            | 21 |
| 2 DOS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS.....                              | 24 |
| 2.1 A Sociolinguística .....                                      | 24 |
| 2.2 Atitudes como Objeto de Estudo.....                           | 27 |
| 2.3 Estudos sobre Atitudes Linguísticas no Brasil e no Mundo..... | 29 |
| 3 METODOLOGIA.....  | 33 |
| 4 A ANÁLISE .....   | 37 |
| 4.1 Os Gestores.....  | 37 |
| 4.2 Os Intérpretes.....   | 49 |
| 4.3 Os Sujeitos Surdos.....                                       | 64 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....  | 76 |
| REFERÊNCIAS .....   | 78 |
| ANEXOS.....   | 84 |

## INTRODUÇÃO

Sob o aporte teórico-metodológico da Sociolinguística, a presente pesquisa<sup>1</sup> objetivou realizar um estudo sociolinguístico, mais especificamente uma investigação sobre atitudes linguísticas provenientes do contato entre a língua natural dos surdos brasileiros – a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, e a Língua Portuguesa.

Para desenvolver nossa pesquisa, procuramos conhecer um pouco da realidade da comunidade surda, a qual é constituída tanto de ouvintes quanto dos próprios sujeitos surdos, bem como tomar conhecimento da legislação que regulamenta o ensino da LIBRAS no Brasil e a reconhece como língua materna dos surdos em nosso país, especificamente, por meio da lei nº. 10.436/02 e do Decreto nº. 5. 626/05.

Os grupos selecionados para este estudo constituíram-se de três tipos de informantes que vivenciam o contato entre a LIBRAS e a Língua Portuguesa. Os dois primeiros grupos (ouvintes) são os gestores educacionais e os intérpretes, profissionais que fazem parte do que se denomina comunidade surda, enquanto o terceiro grupo são os próprios sujeitos surdos, que são ex-alunos de escolas públicas ou privadas. Todos os informantes fazem parte da rede pública de ensino da cidade de Cáceres.

A coleta de dados foi realizada com a utilização de gravação em áudio, no caso dos informantes ouvintes, e em gravação de vídeo, no caso dos informantes surdos, contando, nesse último caso, com o auxílio de um intérprete/tradutor de LIBRAS, o qual auxiliou a pesquisadora na transcrição das informações da LIBRAS para a Língua Portuguesa.

Após a coleta de dados e a transcrição livre das respostas de nossos informantes, passamos à análise dos dados cujo cenário revelou, de modo geral, nos três grupos, atitudes linguísticas relacionadas intimamente com o fenômeno da variação – geográfica social e estilística e, junto com elas, a manifestação de estereótipos linguísticos cujas marcas ratificam o preconceito linguístico, em muitas situações. Verificamos que os informantes exercem um saber e um discurso público sobre a língua, conforme pontuado por Schlieben-Lange (1993).

Por fim, acreditamos que estudar esse tipo de contato linguístico é contribuir não só para a expansão dos estudos das atitudes linguísticas no Brasil, já que estes residem suas pesquisas, de modo geral, nas questões das variações fonéticas e fonológicas, bem como refletir sobre a realidade de uma língua de minorias, como é o caso da Língua Brasileira de Sinais, em que a voz do sujeito surdo é silenciada pelos preconceitos linguístico-sociais e

---

<sup>1</sup> Parecer técnico nº. 1.705.454, emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP – UNEMAT.

pelas questões históricas que atravessam a constituição desse sujeito e de sua língua, o qual é visto apenas como um deficiente, em que sua “limitação” é estendida às suas capacidades cognitivas de aprendizagem, seja da LIBRAS, ou de uma segunda língua.

## 1 A HISTORIOGRAFIA DO SUJEITO SURDO E A EDUCAÇÃO EM LIBRAS

Para que pensássemos a realidade que nos propusemos a investigar, um aspecto importante foi conhecer não só o sujeito desse contexto, mas também a educação que a ele é voltada. Nesse sentido, buscamos abaixo apresentar como se constituiu o sujeito surdo ao longo da história e apresentarmos o cenário da educação em LIBRAS, a fim de situarmos nosso leitor para as atitudes linguísticas desse falante na relação entre o ensino de LIBRAS com a Língua Portuguesa. Lembramos aqui que nosso objetivo foi avaliar atitudes linguísticas de surdos e também de ouvintes, a exemplo dos intérpretes e gestores presentes nesse tipo de realidade.

A realidade cultural e educacional dos surdos passou por momentos históricos bem distintos ao longo dos tempos. A começar pelo comportamento da sociedade perante o Surdo na Antiguidade, pela repressão e discriminação total, pela criação e aprendizagem de gestos (sinais), pela primeira escola para surdos do mundo e do Brasil, pela imposição da metodologia de ensino da oralidade, pelos direitos adquiridos e anulados, e pelos dias atuais, em que os olhares direcionados à Cultura Surda no Brasil e no mundo são considerados positivos e inclusivos.

São raros os registros encontrados dos primeiros estudiosos e educadores de pessoas surdas. Registros dos métodos de ensino e aprendizagem também quase não existem. Para Lacerda (1998), essa situação ocorre pelo fato de ser comum, em muitos momentos da história, manter sigilo sobre a realidade e métodos de educação para pessoas surdas. Assim, muitos estudiosos foram reconhecidos apenas por vestígios de suas didáticas, já que muitos educadores trabalhavam sozinhos e longe de instituições de ensino, não havendo nenhum tipo de troca de experiências de vida ou metodologias de ensino.

Os registros históricos da realidade da educação de pessoas surdas confirmam que, na maioria das vezes, essas são histórias contadas por pessoas ouvintes e não pelos próprios Surdos. No passado, eram meramente reproduções ou notas de pensamentos e idéias de pessoas ouvintes que trabalharam e/ou conviveram com alunos surdos ou que por algum motivo em particular se interessaram por essa educação especial. Contudo, atualmente, encontramos pesquisadores, educadores e estudiosos engajados em pesquisas científicas e novas políticas educacionais. Muitos são os protagonistas de suas próprias histórias e investigações, que buscam promover a disseminação da Cultura Surda em toda comunidade

ouvinte.

## 1.10 Surdo na Antiguidade

Na Antiguidade, os surdos eram considerados pessoas incultas e incapazes de serem educadas. Eram percebidos pela sociedade como pessoas doentes, logo destinadas à piedade por toda vida. Nessa época, somente a medicina e a religião interessavam-se por esse grupo de pessoas. A primeira classe, por considerá-los alvos em estudos e pesquisas sobre deficiência; a segunda, por disseminar, por meio de ações de caridade, a imagem equivocada de que pessoas surdas eram doentes e impossibilitadas de conviver em sociedade, contexto que as levavam ser castigadas, uma vez que a surdez era vista pela religião católica, verdadeiramente, como uma punição divina. Assim:

Na nação hebréia, no Pentateuco, a Lei Hebraica faz referência aos surdos e cegos, sendo protegidos e tidos como cidadãos. Já os chineses lançavam as crianças surdas ao mar. Os gauleses sacrificavam aos seus deuses Teutates. Na Grécia os surdos eram considerados como indivíduos incapazes. Aristóteles ensinava que os surdos, por não terem linguagem, seriam incapazes de raciocinar. Em Esparta jogavam os recém-nascidos surdos do alto dos rochedos. Sêneca afirmava: “Matam-se cães quando estão com raiva; exterminam-se touros bravios; cortam-se as cabeças das ovelhas enfermas para que as demais não sejam contaminadas; matamos os fetos e os recém-nascidos monstruosos; se nascerem defeituosos afogamo-los, não devido ao ódio, mas a razão, para distinguirmos as coisas inúteis das saudáveis”. Os Romanos consideram os surdos imperfeitos, sem direito à cidadania. Não tinham o direito de celebrar contratos, elaborar testamentos e até de possuir propriedades ou reclamar heranças. Exceto aos surdos que conseguiam falar (CARVALHO, 2007).

Sem avanços em pesquisas sociais direcionadas aos surdos, a sociedade continuava discriminando-os. A ausência de direitos legais e igualitários dos Surdos e a completa falta de comunicação em sua própria família ouvinte contribuía para que a imagem deles fosse sempre negativa, alimentando uma falsa generalização de que todos eram doentes, agressivos, loucos, ou maníacos (DIAS, 2006), o que inscreveu prejuízos incalculáveis no desenvolvimento dessas pessoas até os dias de hoje.

Diante desse cenário, nas sociedades mais antigas, os surdos passaram por diversas privações e preconceitos, em razão, especialmente, pela carência de informações e conhecimentos das peculiaridades da vida, por parte das pessoas ouvintes que lidavam diretamente com elas.

No século IV d.C, a valorização do corpo e da tradição oral da sociedade fazia com que as pessoas com surdez fossem consideradas anormais. Assim, pessoas que nasciam deficientes eram muitas vezes sacrificadas. Por meio das Leis Régias, em “De Jure Pátrio”,

uma espécie de codificação de todos os costumes políticos e sociais da época, o pai passava a ser obrigado a sacrificar seu filho, caso este nascesse com alguma deformação ou deficiência.

Para gregos e romanos, os “surdos-mudos”, como denominados na época, não eram considerados seres humanos, uma vez que não utilizavam a fala e não conseguiam expressar-se por meio da língua oral. Acreditava-se que a fala era o resultado do pensamento, logo, se não conseguiam falar, não conseguiam pensar. Eram julgados como pessoas desprovidas de desenvolvimento intelectual. O Código Justiniano, em Roma, no ano de 483 a.C., explicita a verdadeira realidade dos Surdos nessa época. O Surdo de nascimento não podia ser nem mesmo educado. Neste contexto, surgiram as primeiras distinções dos tipos de surdez: a congênita e a adquirida.

Percorrendo o mesmo caminho de crueldade e total desconhecimento das reais necessidades dessas pessoas, também na Grécia, no ano de 384 a.C., os Surdos eram denominados seres sem raciocínio. Aristóteles considerou que o ouvido era o órgão mais importante para a educação de pessoas. Logo, o Surdo era impossibilitado de aprender ou de ser educado. Tal absurdo contribuiu significativamente para que os Surdos fossem privados de ensinamentos e instruções. E, ainda, para que fossem vistos como incapacitados de raciocínio ou de construção do pensamento. Tais concepções sociais discriminatórias persistiram por mais de dois mil anos. E ainda persistem mesmo como respingos, como equívocos na história, como marcas latentes de prejuízos irreparáveis e dor.

## **1.2 O surdo na Idade Média**

No período Medieval, religião e educação estiveram intimamente ligadas. Neste contexto, a Igreja acreditava que os Surdos não possuíam alma, julgando-os, desse modo, sem direitos religiosos e civis. Para a igreja católica, os Surdos não podiam participar de missas, contraírem matrimônio ou usufruir de direitos de herança familiar. À margem da sociedade, do sofrimento, da carência, e do abandono, os Surdos, muitas vezes, eram simplesmente excluídos da sociedade. Como não podiam ter acesso à educação, por consequência, acabavam sem oportunidade de emprego ou de exercerem alguma atividade remunerada para garantir suas próprias necessidades básicas.

Na Idade Média, a religião continuou tendo forte influência nas decisões políticas e sociais da sociedade da época, logo, possuía também um papel fundamental na discriminação



de pessoas consideradas deficientes, alegando que o homem foi criado à “imagem e semelhança de Deus”, de modo que qualquer alteração no reflexo dessa imagem divina fazia com que essas pessoas fossem postas à margem da sociedade, perdendo todos os seus direitos, principalmente o de ser considerado um ser humano e um ser racional. Se os Surdos não possuíam uma língua compreensível aos ouvintes, não eram capazes de se comunicarem, tão pouco de se confessarem, portanto, aos olhos da Igreja, eram pessoas com almas mortais, e impossibilitadas de falar os sacramentos da doutrina católica.

Entretanto, tais atitudes discriminatórias começaram a incomodar a Igreja, especialmente em relação às famílias abastadas e que possuíam membros surdos na família (MAZZOTA, 1996). É válido destacar que, nesta época, por interesse financeiro, muitas famílias tradicionais e abastadas aceitavam a realização de matrimônio entre seus próprios membros familiares. Comumente, esses nobres decidiam casar-se entre si para que não precisassem dividir suas heranças com outras famílias. Esse comportamento social acabava por gerar e perpetuar nessas famílias um grande número de pessoas surdas. Nesta mesma época, ainda em um contexto religioso, em mosteiros isolados, ocorreu a primeira tentativa de educar pessoas surdas, principalmente os membros surdos dessas famílias abastadas.

São os monges beneditinos da Itália os responsáveis, nesse período, por criarem uma forma de sinais para se comunicarem com as pessoas surdas como forma de não violar o rígido voto de silêncio (STROBEL, 2006).

### **1.3 O surdo na Idade Moderna**

Um importante acontecimento histórico voltado à vida educacional dos Surdos é a notória contribuição do monge Pedro Ponce de León. Em 1570, no mosteiro beneditino de São Salvador, em Oña, o monge passou a conviver com a privação de comunicação, dado o Voto do Silêncio estabelecido pela Igreja para que os monges não repassassem os conhecimentos adquiridos ao terem contato íntimo com os livros sagrados. Como consequência dessa proibição linguística, houve a necessidade de se estabelecer uma nova forma de comunicação.

Uma vez que a fala estava proibida e a necessidade de comunicação básica entre os monges aumentava a cada dia, os religiosos criaram uma linguagem gestual que utilizava principalmente as mãos por meio de gestos e sinais, situação que possibilitou ao monge Pedro

Ponce a criação de outra forma de expressão, isto é, sinais rudimentares e semelhantes aos que observamos na convivência com os Surdos.

Posteriormente, ao criar uma metodologia de ensino para pessoas surdas, teve seu trabalho reconhecido como referência no assunto. Foi considerado o primeiro professor de pessoas surdas e em nome da Igreja ensinava a linguagem articulada a pessoas surdas. Contudo, seus ensinamentos (falar, ler, escrever, rezar e doutrinas do Cristianismo) eram destinados somente aos Surdos filhos de nobres da sociedade, membros da igreja católica. Mais tarde, desenvolveu uma metodologia de educação de Surdos que incluía datilologia, escrita e oralização, e também fundou uma escola de professores surdos de famílias tradicionais e nobres da época. Essas famílias tinham grande interesse que os membros surdos aprendessem a falar e fossem educados para que pudessem, em alguns casos, administrar os bens da família e, conseqüentemente, garantir a continuidade de seus domínios, além de resgatarem seus direitos religiosos e civis.

Os registros da metodologia usada por Ponce de León foram perdidos, restando apenas relatos de terceiros e uma folha manuscrita registrada pelo próprio monge. Sabe-se que ele trabalhava com rótulos, nomes escritos pregados em tudo, indicações de palavras escritas para associar à pronúncia da mesma. Segundo testemunhas oculares, o monge utilizava o alfabeto manual, que seria “[...] um modo de soletrar no ar, formando letras com os dedos” (PLANN, 1997, p. 30).

A interferência da Igreja torna-se mais uma vez decisiva nos rumos dos direitos dos Surdos dessa época, pois, interessada em “educar” os membros surdos das famílias tradicionais, convidou tais monges para serem os responsáveis pela instrução e educação dessas pessoas. A Igreja entendia que se os Surdos possuíssem uma língua, eles poderiam participar dos ritos e sacramentos religiosos, conseqüentemente, manteriam suas almas imortais como qualquer outra pessoa, garantindo e conquistando seus direitos civis, assim como não perderiam mais suas posições familiares, ou seja, passariam a ser herdeiros e continuariam ajudando a Santa Igreja (SACKS, 1989, p. 31).

Para Silva et al.(2006), mesmo que essa experiência educacional tenha sido considerada satisfatória, rompendo-se com a lógica dominante, obteve pouca repercussão na época. É importante ressaltarmos que o monastério utilizado pelo monge Ponce de León passou a ser um centro de referência no assunto, atraindo outros surdos não pertencentes à nobreza. Tal ambiente propiciou o surgimento de uma língua de sinais com o aprimoramento de gestos naturais e não convencionais usados até então.

No século XVI, a grande revolução verifica-se no entendimento de que a compreensão

da idéia não dependia da audição da palavra. Em decorrência do crivo da oralidade e da medicalização da surdez, a marginalização vivida pelas comunidades surdas ocorreu em todas as instâncias possíveis, desde a representação acerca dos surdos até as estratégias pedagógicas no ambiente escolar. Assim, o que fracassou na educação dos surdos foram às representações ouvintistas acerca do que é o sujeito surdo, quais são seus direitos linguísticos e de cidadania, quais são as teorias de aprendizagem que refletem as condições cognitivas dos surdos, quais as epistemologias do professor ouvinte na sua aproximação como os alunos surdos, quais são os mecanismos de participação das comunidades surdas no processo educativo (SKLIAR, 1998, p. 21).

#### **1.4 O Surdo na Idade Contemporânea**

Os trabalhos realizados em instituições somente surgiram no final do século XVIII, pois até então os preceptores (médicos, religiosos, gramáticos) eram quem realizavam essa tarefa. Observamos que nesse tempo os métodos de aprendizagem não se limitaram aos educadores, mas também os médicos desenvolveram métodos educacionais. Temos, por exemplo, o médico francês Jean-Marc Itard, que, em 1821, publicou o livro *Traité des maladies de l'oreille et de l'audition*, no qual assegurava que o surdo poderia ser educado tão somente pela fala (GUARINELLO; MASSI; BERBERIAN, 2007).

Itard iniciou um trabalho com o Garoto Selvagem, em 1799, descrito no filme francês de 1970, *O Garoto Selvagem*, de François Truffaut. Dedicou grande parte de seus estudos procurando compreender as causas da surdez. Nunca aprendeu a Língua de Sinais e seu trabalho era todo voltado para a discriminação dos instrumentos musicais para, posteriormente, chegar à discriminação de palavras. Criou um curso de articulação para surdos-mudos “aproveitáveis”. Após 16 anos de trabalho incessante, rendeu-se ao fato de que o Surdo só pode ser educado através da Língua de Sinais.

Os surdos eram inseridos na categoria de selvagens e sua língua considerada pobre quando comparada à língua oral, logo não deveria ser utilizada na educação sistemática. Com esta concepção, os professores surdos da escola foram substituídos pelos professores ouvintes e a oralização era seu principal objetivo, de modo que os sinais deveriam ser banidos da educação.

Em 1816, nos Estados Unidos, Gallaudete Clerc fundaram a primeira escola pública, Hartford School, com metodologias direcionadas a Surdos. Inicialmente, a Língua de Sinais ensinada na escola era a de origem francesa, a qual fora, gradualmente, modificada para se transformar na Língua Americana de Sinais (ASL). Gallaudet, em 1864, na cidade Washington, também fundou a primeira faculdade para Surdos do mundo, a respeitada Universidade de Gallaudet, como é conhecida atualmente. Nesse contexto, o oralismo foi a principal forma de educação de Surdos por quase cem anos mais tarde.

A discussão entre a técnica que prioriza a comunicação por meio da língua falada e a técnica por meio de sinais é histórica e se sustenta até a atualidade. No entanto, atualmente, há provas incisivas comprovando a importância da língua de sinais para o processo de aprendizagem dos alunos surdos, fato ignorado por muito tempo.

Diante desse cenário, em 1878, em Paris, aconteceu o I Congresso Internacional de Surdos-Mudos, instituindo que o melhor método para a educação de surdos consistia na articulação com leitura labial e no uso de gestos nas séries iniciais, determinação que durou somente dois anos.

Na Itália (Milão), em 1880, aconteceu o II Congresso Mundial sobre a Educação de Surdos, no qual a utilização simultânea da fala e dos sinais é considerada como uma desvantagem, que impedia o desenvolvimento da fala, da leitura labial e da precisão das idéias. Neste congresso é declarado que o método oral puro deve ser adotado de forma oficial e definitiva. Nesse sentido, o Congresso de Milão é considerado um marco na história da política institucional de erradicação da língua de sinais, e também da exclusão radical dos profissionais surdos do ambiente educacional. Registra-se aqui a vitória do oralismo sobre a inferioridade da língua gestual.

Nesse Congresso foram apresentados vários surdos que falavam bem, com a finalidade de mostrar a eficácia do método oral, pois o pressuposto vigente era que a aprendizagem da língua oral era de suma importância para a vida social do surdo, e que o uso de gestos e sinais o afastava desse caminho (LACERDA, 1998).

Quando os surdos finalmente estavam em uma situação diferenciada, sendo instruídos, educados e usuários de uma língua que lhes permitia conhecimento de mundo, uma determinação mundial lhes colocou de novo em uma posição de submissão, proibindo-os, a partir daquela data, de usarem a língua que lhes era de direito.

Para Skliar (1997, p. 50), os motivos que apoiavam a aprovação do método oral, abolindo a utilização da língua de sinais, estavam ligados a questões políticas, filosóficas e religiosas, pois os padres careciam que as confissões fossem feitas por meio da oralidade, já

que a utilização da linguagem de sinais poderia dar margens a interpretações errôneas, no momento da confissão.

Silva et al (2006) ressalta que o posicionamento do Congresso não pode ser analisado apenas pelas questões levantadas por Skliar, mas sim pela crença no paradigma homem/máquina da ciência moderna, vivida pela visão medicalizada da surdez vinculada à “pedagogia corretiva”. Portanto, naquele período, os surdos foram excluídos do processo educativo e do trabalho, transformando-se em deficientes e em objeto de pesquisa para a medicina, pois a surdez era considerada uma anomalia orgânica, ou seja, um déficit biológico, dessa forma, sujeita à cura, e as escolas passaram a ser salas de tratamento.

### **1.5 Educação de Surdos no Brasil**

Buscamos aqui fazer uma breve retrospectiva de alguns fatos históricos que assinalaram o início do processo educacional dos alunos Surdos no Brasil. Em consonância com o Relatório Anual de 1993 da Federação Nacional de Integração e Educação de Surdos (FENEIS), a convite de D. Pedro II, o pesquisador francês Edward Harnest Huet, portador de surdez congênita, ex-diretor do Instituto de Surdos de Paris, trouxe para o Brasil toda sua experiência no ensino de pessoas surdas, procurando confirmar a capacidade do Surdo na área da educação. Em sua bagagem trouxe o alfabeto manual francês na Língua Francesa de Sinais, o que, posteriormente, originou a Língua Brasileira de Sinais. Da presença do pesquisador, fundou-se o Instituto Nacional de Surdos-Mudos do Rio de Janeiro, em 26 de setembro de 1857.

Quanto à metodologia adotada por Huet para a educação de surdos, naquela época, supõe-se que era a “didática especial dos surdos-mudos”. De acordo com Perlin (2002, p. 72): “Tratava-se do mesmo processo utilizado por l’Épée e Sicard no Instituto de Surdos de Paris. Huet também se interessou pela formação de educadores de surdos, porém o pouco tempo de permanência no Brasil não foi suficiente para que essa profissão pudesse se desenvolver”. Ele iniciou seu trabalho com dois alunos e, quando deixou o país, quatro anos depois, tinha 17. Em 1862, o Dr. Manoel de Magalhães Couto o substituiu na direção do Instituto.

A LIBRAS, apesar de proibida, por meio de atitudes repressoras adotadas pelos profissionais responsáveis pela educação do surdo, o método de l’Épée, como assinala Perlin (2002, p. 75), “continuou no Brasil até 1901. Nos anos seguintes, o Instituto caminhou para a

concepção oralista na educação de surdos e, em 1930, instaurou-se definitivamente a visão clínica, quando o Instituto passou a fazer parte do Ministério da Educação e Saúde”.

Em 1951, assume a direção do Instituto a Professora Ana Rímoli de Faria Dória. Após quase cem anos de existência, era a primeira vez que um profissional da educação estava na direção. A grande inovação do período de sua gestão foi a implementação do Curso Normal de Formação de Professores para Surdos. Sendo o Instituto uma referência para todo Brasil, recebia professores de todo o país, para fazer o curso que tinha duração de três anos. A metodologia usada era voltada para o Oralismo.

Feitas estas considerações, retomemos outro ponto que marcou e ainda marca a trajetória educacional do surdo no Brasil. De fato, não se pode omitir o fato de que o INES, seguindo a tendência mundial, em 1911 adota o método oral em todos os conteúdos focalizados do currículo. Ainda assim, a Língua de Sinais foi aceita em sala de aula até 1957, quando a diretora Ana Rímola de Faria Doria, assessorada pela professora Alpia Couto, proibiu oficialmente o uso de sinais em classe.

Se, por um lado, há uma atitude coativa para vigiar e castigar o surdo que se utilizasse da Língua de Sinais, por outro, há uma reação dos próprios surdos que continuam a se expressar através dos sinais, não nas salas de aula do Instituto, mas fora delas, e principalmente nos grupos que começam a tomar forma nos principais centros urbanos do país. Mas, entre 1923 e 1929, surgiu a Associação Brasileira de Surdos e houve grande mobilização pelo direito de um ensino em Língua de Sinais.

Com o tempo, o movimento em amparo ao surdo ganhou força, e também durante o período da ditadura militar os surdos lutaram por melhores condições e qualidade de vida. Em 1971, foi fundada a Federação Brasileira de Surdos, presidida pelo Padre Vicente P. Burnier. Só em 1977 foi criada a FENEIDA, Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos, composta apenas por ouvintes envolvidos com a problemática da surdez. Em 1983, a comunidade surda criou uma Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos, uma entidade não legalizada, com trabalho significativo, porque buscava os direitos dos surdos como cidadãos.

Nessa época, esta Comissão reivindicou a participação efetiva das pessoas surdas como membro da Diretoria da FENEIDA, o que foi negado por não acreditarem na capacidade do surdo dirigir uma entidade. No entanto, a Comissão formou chapa e conquistou em Assembléia Geral a presidência por um ano. Foi reestruturado o Estatuto e a entidade ganhou a denominação de FENEIS em nova Assembléia Geral, em 16 de maio de 1987. Após a eleição, Ana Regina e Souza Campello, surda, coordenadora da Comissão de Luta pelos

Direitos dos Surdos, assumiu a presidência da FENEIS juntamente com outros membros da Comissão. Outros surdos também tiveram esta oportunidade, como Karin Lillian Strobel. A atual (2014) presidente da FENEIS é, novamente, Ana Regina Campello. Vale lembrar que os surdos ainda lutam por seu espaço.

A Língua de Sinais no Brasil é denominada Língua Brasileira de Sinais (LBS), também denominada LIBRAS, é cientificamente comprovada e reconhecida como língua natural, pois, nasce do convívio de pessoas surdas. Segundo Ferreira-Brito: “[...] é uma língua de modalidade gestual-visual, reconhecida como língua natural dos surdos e constitui o “símbolo da surdez” (FERREIRA-BRITO, 1993, p. 28).

Hoje, consideramos que a Língua de Sinais é o único meio efetivo de comunicação entre os surdos, possibilitando-lhes se desenvolver linguístico-cognitivamente.

Segundo Skliar, citado por Souza (1997, p. 271), “[...] a língua de sinais é uma língua plena, natural, não um código artificial de comunicação e como tal deve ser pensada; é um direito dos surdos não uma concessão”. Tal concepção diante das comunidades surdas, nos últimos tempos, não só reconhece o status linguístico da LIBRAS, mas também identificam os surdos numa cultura própria, lembrando que cultura está sendo entendida aqui como algo plural e representativo de diferenças.

São situações como as descritas anteriormente que têm contribuído para o novo olhar que se atribui ao surdo, e para mudanças significativas na sua educação, visto que professores têm sido orientados para ressignificarem seus métodos de trabalho, de modo que os recursos didáticos estejam em sintonia com o processo de escolarização de pessoas surdas.

Na seqüência, situamos o lugar teórico de nosso estudo: atitudes linguísticas oriundas do contato entre a língua de sinais e a Língua Portuguesa e, respectivamente, os sujeitos imersos na comunidade surda.

## 2 DOS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS

Para situarmos os estudos que versam sobre atitudes linguísticas, a fim de encaminharmos nossas análises para o sujeito surdo e a comunidade surda, faz-se necessário compreender o cenário de onde emanam tais estudos: a Sociolinguística.

### 2.1A Sociolinguística

Voltada ao uso real da língua, relacionando-a aos aspectos sociais e culturais, a Sociolinguística, ramo da linguística, observa que a língua, enquanto fato social recebe impactos que lhe acarretam tanto processos de variação quanto de mudança, fenômenos que lhe são inerentes.

A aparição do termo “sociolinguística”, cunhado por Currie e Currie no final dos anos 40, teve como propósito designar uma nova disciplina, sub-campo da linguística e da sociologia, sob a tese de que a fala humana é, sobretudo, um ato social dentro de um contexto também social (FISHMAN, 1995). Entretanto, é somente na década de 60, nos Estados Unidos, que a Sociolinguística se fixa como corrente, a partir dos trabalhos de Willian Labov, Gumperz, Dell Hymes, bem como da Conferência organizada por Willian Bright a respeito das Dimensões da Sociolinguística, contexto em que o pesquisador lança as bases da teoria, ao afirmar a existência de uma correlação entre estrutura linguística e estrutura social (CEZARIO; VOTRE, 2013).

Numa perspectiva etnográfica da comunicação, Gumperz e Hymes buscaram ilustrar a noção de competência linguística para, a partir daí, observar como o falante se comporta na prática, uma vez que, como falante inserido numa comunidade, exerce funções sociais, de modo que o objetivo desses estudiosos volta-se ao contexto de suas mensagens, de sua aceitabilidade, no sentido mais amplo da palavra. O olhar de Hymes está em observar a relação da Sociolinguística com outras disciplinas, a exemplo da sociologia, da linguística, da antropologia, entre outras, o que não quer dizer que não reconheça claramente o objeto e a autonomia da Sociolinguística, ou seja, localizar, descrever e analisar as variáveis responsáveis pelos processos de variação e mudança linguísticas (FISHMAN, 1995). Nesse percurso, Labov, como fizera Saussure, considera a língua um fato social, entretanto atribui a ela fatores extralinguísticos responsáveis pelas variáveis linguísticas.



Como se observa, a Sociolinguística, assim como outras disciplinas chamadas interdisciplinares, ao priorizar aspectos de natureza social, cultural e também psíquico, busca preencher as lacunas deixadas pela Linguística denominada núcleo duro, em que apenas os aspectos internos da língua são estudados. Nesse novo propósito estabelecido, é essencial para a Sociolinguística olhar para a linguagem a partir de sua realização social, já que entender, por exemplo, a mudança linguística, como o fez Labov, só se é possível dentro da comunidade que a produz, a qual imprime suas pressões sobre a língua em uso.

Apesar de conhecermos a Sociolinguística propagada por Labov, denominada *Sociolinguística Variacionista* ou *Teoria da Variação*, o interesse pela variação linguística possui rastros, por exemplo, nos estudos dialeto lógicos da década de 30, em que fatores sociais eram considerados nesses estudos. Além disso, na França, Meillet já havia observado a relação entre estrutura social e estrutura linguística, ou seja, para ele, mudança social interfere na linguagem, visto que esta se realiza socialmente e, portanto, não é imune aos efeitos sociais.

Herdeira da Semântica Gerativa, a Sociolinguística desta se distancia não só pela inserção de aspectos extralinguísticos no estudo da variação existente na língua, mas porque também considera a língua heterogênea, de modo que seu postulado analítico compreende uma teoria da língua essencialmente dinâmica, ao contrário dos semanticistas, cuja perspectiva de estudo da língua é estática.

Nesse sentido, os principais conceitos estabelecidos pela nova disciplina correspondem à língua, dialeto e variedade. Segundo Fishman (1995), a expressão *uma língua*, de natureza valorativa, é um termo que indica não apenas emoção e opinião, mas também provoca tais reações, ao passo que a expressão *variedade* é um termo técnico, de natureza não valorativa, utilizado para referir-se a *um tipo de língua*, o que leva o autor a pontuar quando uma variedade é considerada uma língua e quando não o é. Em seu percurso, Fishman observa que variedades linguísticas ligadas a origens geográficas distintas são denominadas *dialetos*, embora isso não seja uma regra, já que as variedades linguísticas também podem ser sociais. Em outras palavras:

Un dialecto debe ser una subunidad regional respecto a la lengua, particularmente en su realización idiomática o hablada. La «lengua» es una designación superordinada; el dialecto lo es subordinada. [...] las variedades lingüísticas, hasta ahora consideradas como dialectos, pueden liberarse de su subordinación y ser «promovidas» por sus hablantes a rango oficial e independiente y, por el contrario, las lenguas anteriormente independientes pueden ser subordinadas. El término variedad, por otro lado designa simplemente un miembro del repertorio verbal. Su

uso implica sólo la existencia de otras variedades [...] (FISHMAN, 1995, p. 49).

A partir desses conceitos, a Sociolinguística laboviana, tomando o fenômeno da variação e da mudança como algo inerente à língua, procura verificar os fatores que motivam tais fenômenos, bem como a importância deles no contexto de realização. Nesse processo, a variação é vista como um elemento constitutivo na/da língua e como um fenômeno cultural, logo motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos.

Quanto ao aparato teórico e metodológico da Sociolinguística, esta parte da língua, tomada como objeto de estudo, para, a partir daí, correlacionar estrutura linguística e estrutura social, observando o falante-ouvinte real em situações espontâneas de uso da língua, a fim de coletar seu vernáculo, o qual deve refletir *o que* e não *o como* diz o falante. De natureza quantitativa, a metodologia utilizada pela teoria na análise mais da mudança que da variação pontua cinco grandes dimensões para estudo, conforme estabelecem Weinreich, Labov e Herzog (2006):

- Fatores condicionantes - buscam-se compreender quais são as condições para a mudança em dada estrutura, que podem advir de fatores de ordem social e de ordem linguística.
- Encaixamento da variação – busca-se atentar para outras mudanças associadas a determinadas mudanças ou variação das formas em observação na matriz dos concomitantes linguísticos e extralinguísticos e nos desdobramentos da estrutura social.
- Avaliação das mudanças – busca-se estudar os possíveis efeitos da variação sobre a estrutura linguística, sobre a eficiência comunicativa e sobre um amplo conjunto de categorias não representacionais (inclusive internacionais, discursivas e pragmáticas) envolvidas na fala.
- Transição – busca-se compreender os estágios intervenientes entre dois estados da língua: como um falante aprende uma forma alternante, tempo em que as duas formas coexistem tempo em que uma das formas prevalece sobre a outra.
- Implementação – busca-se analisar os fatores responsáveis pela implementação da mudança e a razão pela qual as mudanças em um aspecto estrutural ocorrem em determinada língua em um dado momento, mas não em outra língua com o mesmo aspecto, ou na mesma língua, em outras épocas (WEINREICH; LABOV; HERZOG; 2006 p. 122).

Apesar de trabalhar com dados estatísticos, a Sociolinguística toma os números como ponto de partida para suas análises, uma vez que cabe ao pesquisador determinar os fatores que favorecem ou desfavorecem a presença de uma variante. Dito de outro modo, o sóciolinguista analisa tais fatores a partir de sua experiência, de seu conhecimento da teoria e também de sua intuição acerca do fenômeno para fazer os cruzamentos necessários com os

dados coletados, os quais servem para comprovar, refutar ou reconstruir hipóteses (CEZARIO; VOTRE, 2013).

Ressaltamos aqui que, embora relevante a questão do bilingüismo, quando discutimos contato entre línguas, não pontuamos tal discussão, visto que nossas análises estão voltadas para outros aspectos manifestos pelas atitudes linguísticas.

## 2.2 Atitudes como Objeto de Estudo

Se a Sociolinguística estuda fenômenos reais de fala, aplica-se aqui o estudo dos fatores extralinguísticos que incidem diretamente na fala das pessoas, a exemplo de seus comportamentos e atitudes diante da própria língua ou de uma de suas variedades e/ou dialetos.

Os estudos sobre atitudes linguísticas, embora remontem à década de 30, nas investigações desenvolvidas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos acerca dos juízos emitidos quanto a atributos físicos e à personalidade das pessoas a partir da fala delas (CARGILE; GILES (1997), é somente na década de 60 que tais estudos se fixam e se propagam com as pesquisas realizadas por Lambert e Lambert, no campo da Psicologia Social, área de estudo que emprestará tal conceito à Sociolinguística. Lambert et al (1960) refletiram sobre as atitudes subjacentes dos ouvintes, já que suas experiências tinham como propósito estudar as reações que os ouvintes canadenses apresentavam acerca das variedades do inglês e do francês em Montreal. Para isso, versões de textos em francês e sua tradução em inglês, pronunciadas pelo mesmo sujeito, eram disponibilizadas aos participantes, os quais ouviam as duas situações e atribuíam a ela uma avaliação. O resultado apontou que a versão inglesa foi avaliada positivamente, em razão não do leitor, já que era o mesmo, mas do prestígio atribuído ao inglês, com características do tipo “bonito” e “inteligente”.

Pesquisa semelhante foi desenvolvida na Inglaterra quanto aos sotaques existentes lá, contexto em que os homens ingleses avaliaram seu falar como *inteligente*, *ambicioso* e *seguro*, fatores que proporcionariam a eles o lugar de líderes, segundo suas opiniões. Por outro lado, os escoceses classificaram seu falar como *generoso*, *bondoso*, *cordial* e *amável* (BARBOSA, 2004). De modo geral, as pesquisas desenvolvidas nesse âmbito apontam uma lista de adjetivos polares evocada pelos informantes na avaliação de uma língua ou dialeto, ou seja, “bom-ruim”, “simpático-antipático”, “agradável-desagradável”, aspectos que nos

lembram Fishman (1995), ao pontuar que uma língua tem concepção valorativa.

A avaliação positiva de um falar/sotaque/dialecto pode influenciar de forma decisiva nas interações sociais dos falantes, inclusive provocando inclusão ou exclusão deles numa determinada comunidade. Além disso, as atitudes linguísticas também representam um elemento essencial da identidade linguística de um falante, possibilitando-lhe a leitura e compreensão de seu próprio comportamento, ou seja, diante de seu próprio falar e diante do falar do outro (CARGILE; GILES, 1997).

De acordo com Lambert (1967), a atitude é orientada por três componentes inter-relacionados: o **cognoscitivo** – relacionado ao saber e às crenças acerca das convicções que se tem sobre o mundo; o **afetivo** – referente aos juízos de valor e aos sentimentos diante de um objeto ao qual atribuímos um valor; e o **comportamental** – que diz respeito à conduta, à predisposição propriamente dita diante de algo. Esses componentes incidem diretamente sobre as atitudes dos sujeitos no que diz respeito ao seu modo de pensar, sentir e reagir diante dos estímulos linguísticos que recebem.

Em Lambert e Lambert (1975, p. 100), a atitude é definida como “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo mais geral, a qualquer acontecimento no ambiente”, o que pode se estender também para o estudo das atitudes linguísticas no que diz respeito à avaliação que se faz diante do próprio falar e do falar do outro, ou mesmo das variedades que um sujeito apresenta ou de seus falantes (FENNER; CORBARI, 2011). De acordo com Lambert e Lambert (1975, p. 107), as funções das atitudes se definem como seguem:

As atitudes desempenham papéis importantes na determinação de nosso comportamento. Por exemplo, influem em nossos juízos e percepção dos outros; influem na rapidez e eficiência de nossa aprendizagem, ajudam a determinar grupos a que nos ligamos as profissões que finalmente escolhemos e até a filosofia que aceitamos.

Para Sarnoff (1970, p. 279), as atitudes compreendem “uma disposição para reagir de modo favorável ou desfavoravelmente a uma classe de objetos”. Assim, no escopo da Sociolinguística, estudar as atitudes linguísticas é considerar duas dimensões: uma que congrega os elementos cognitivo, afetivo e conativo, portanto de natureza mentalista, em que a atitude é uma entidade complexa, e outra, de natureza comportamentalista, na qual a atitude resulta de um comportamento valorativo sobre algo (BARBOSA, 2004). Nas duas perspectivas, observam-se metodologias diferentes, pois, enquanto a perspectiva mentalista vê a atitude como uma disposição mental, a perspectiva comportamentalista classifica a atitude

como uma conduta, uma reação a estímulos à que um sujeito é exposto, donde emanam valorações (CIRANKA, 2007).

No estudo de Alves (1979), a atitude é definida como segue:

[...] a atitude é vista aqui como um processo, dotado de certas etapas, e não simplesmente como um resultado. Ou seja, a percepção do objeto e a demonstração ativa de um indivíduo, a partir dele e com relação a ele, são precedidas e reforçadas por outros procedimentos: o enquadramento do objeto no sistema de crenças e valores do indivíduo e sua eventual reação emotiva a ele. A tendência para certo tipo de ação torna-se assim o produto, o resultado final desse confronto (ALVES, 1979, p.27)

Rodrigues et al (2000, p. 98) estabelecem a atitude como “Uma organização duradoura de crenças e cognições em geral, providas de carga afetiva a favor ou contra um objeto social definido, que predispõe uma ação coerente com as cognições e afetos relativos a esse objeto”.

Diante do exposto, esclarecemos que a atitude, por se tratar de um comportamento relacionado aos elementos cognitivo e afetivo e por se realizar num contexto social, em que um sujeito expressa seu saber, seu pensar e sua reação diante de algo, é preciso considerar que uma atitude pode variar, porque o indivíduo é um ser mutável e, portanto, não é imune ao mundo e à realidade à que é exposto.

### **2.3 Estudos sobre Atitudes Linguísticas no Brasil e no Mundo**

No campo da Sociolinguística, os estudos de Labov (1977) são referência na abordagem das atitudes linguísticas, já que o pesquisador, ao correlacionar linguagem e sociedade, estuda a variação linguística sob a perspectiva das atitudes dos falantes. Ou seja, observa como as atitudes linguísticas são determinantes no comportamento social do falante e, portanto, no processo de mudança linguística. Seu estudo referencial em Martha's Vineyard verificou que a recorrência de certos fonemas na fala local está intimamente relacionada à resistência dos vineyardenses à influência dos veranistas, o que leva, segundo o pesquisador, esses moradores a adotar uma variedade bem particular da comunidade.

Em suas pesquisas, Labov, a fim de verificar atitudes linguísticas, adotou diferentes estratégias para observar tanto o comportamento linguístico quanto as atitudes sociais de falantes, aplicando, para isso, testes que avaliam, por exemplo, sua “reação subjetiva”, sua “auto-avaliação”, a “correção escolar”, entre outros. No quesito da atitude social de falantes, a

respeito do discurso apropriado para determinadas profissões, desenvolveu estudo na comunidade nova-iorquina, contexto em que as respostas indicavam os valores atribuídos a algumas variáveis fonológicas individuais, segundo uma escala profissional.

As pesquisas desenvolvidas por Fishman (1971) também são referências sobre a questão, pois o estudioso avaliou não só línguas em contato – espanhol e inglês – mas também as atitudes linguísticas de porto-riquenhos radicados em Nova Iorque. Em seu estudo, voltado para um contexto bilíngüe, observou que algumas atitudes dos porto-riquenhos na resistência de propagar sua língua materna no novo contexto, muitas vezes, deviam-se a sua forte vontade de inserção na comunidade nova-iorquina, o que os levavam a negociar nessa situação e adotar o inglês, na maior parte das vezes, como língua de comunicação diária.

Outra pesquisa relevante é o estudo de Schlieben-Lange (1993), em que a pesquisadora estudou a relação do ocitano com o francês, constatando, nesse processo, a existência de um bilingüismo na região de Bagnal-Sur-Ceze, provavelmente resultado tanto de atitude quanto da consciência linguística dos falantes, de modo que, por serem as línguas discursos do cotidiano, apresentam natureza descritiva e valorativa, o que a leva a destacar a existência de discursos públicos em relação à língua. Ou:

O discurso público sobre língua(s) contém principalmente avaliações, isto é, julgamentos sobre “bonito” e “feio”, “bom” e “ruim”, “eficiente” etc. Mas também contém elementos do saber, como, por exemplo, sobre a distribuição de línguas no tempo e no espaço [...] sobre as situações e tipos de textos, para os quais uma ou outra língua (ou forma linguística) é adequada (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 95).

Aguilera (2008a) ressalta que o estudo das atitudes no campo da Sociolinguística, embora existente, ainda é pouco explorado, visto que a maioria das pesquisas focam apenas aspectos fonéticos, fonológicos e morfossintáticos, a exemplo de Santos (1973), em que se verificam os efeitos que algumas variantes fonológicas provocam nas avaliações de alunos oriundos de diferentes classes sociais, diante da ideologia escolar arraigada no traço padrão do português.

O trabalho de Rona (1966), em contexto bilíngüe do Paraguai, estudou aspectos culturais e sociais, procurando identificar o nível de conhecimento dos informantes e suas atitudes quanto à coexistência do espanhol e do guarani, contexto em que se observou que o guarani não é avaliado positivamente pelos paraguaios, os quais atribuem ao espanhol o caminho para a ascensão social.

Alves (1979), ao pesquisar atitudes linguísticas de nordestinos moradores de São Paulo, constatou que ora há valorização ora rejeição de seu falar de origem, já que alguns nordestinos

(baianos e pernambucanos), que possuíam escolarização superior e estavam inseridos numa classe econômica mais alta, avaliam positivamente seu próprio falar e o de seu estado de origem, enquanto outros nordestinos, em condições socioeconômicas inferiores, avaliam negativamente seu próprio falar e valorizam o falar paulista, além de manifestar desejo de falarem igual ao paulista, reforçando o conceito de prestígio linguístico.

No cenário mato-grossense, queremos aqui destacar alguns trabalhos importantes que direta ou indiretamente abordam o tema *atitudes linguísticas*, entre eles a referência nesse cenário: a pesquisa de Bisinoto (2000) *Atitudes sociolinguísticas: efeitos do processo migratório*, estudo em que autora pesquisa atitudes sociolinguísticas no que diz respeito ao falar cacerense, este avaliado tanto por cacerenses quanto por pessoas que migraram para a cidade de Cáceres há mais de oito anos. No seu estudo, constatou que o falar cacerense é estigmatizado pelo sujeito local e pelo migrante, contexto em que vários estereótipos são produzidos acerca da variedade linguística local e até mesmo em relação ao sujeito “bugre”.

Bisinoto, ao utilizar a expressão “atitudes sociolinguísticas”, pontua que ao lado de uma variedade linguística presente numa determinada comunidade de fala convivem fenômenos sociais que afetam direta ou indiretamente o comportamento linguístico dos falantes, de modo que atitude linguística e atitude social se complementam, pois:

As avaliações manifestas e encobertas, subjetivas e objetivas, mais ou menos conscientes, relativas à linguagem dos homens numa sociedade plural, têm propriedade de fundar e governar tanto as relações de poder quanto o prestígio ou o desprestígio das formas linguísticas, estabelecendo seletividades, evidenciando preconceitos (BISINOTO, 2000, p. 14).

Diante do exposto, Bisinoto adota a expressão “atitudes sociolinguísticas” para descrever e analisar as atitudes sociais e linguísticas dos falantes em situação de interação comunicativa. Embora pertinente sua postura, para este trabalho mantivemos a expressão “atitudes linguísticas”, já bem consolidada nos estudos sociolinguísticos.

A pesquisa de Gimenes-Moralis (2000) *Dialetos em Contato: um estudo sobre atitudes linguísticas* investigou as atitudes de araguienses e não araguienses diante do próprio falar e do falar do outro, além de observar o papel que a linguagem exerce na vida profissional dos sujeitos investigados, preparando-os, desse modo, para um discurso público sobre a língua. Assim, a pesquisadora constatou que a maioria dos grupos investigados avalia positivamente a própria fala e que o araguiense aproxima seu falar do falar goiano. Quando a avaliação é sobre o falar do outro, as opiniões divergem, já que o araguiense avalia positivamente o falar paulista e de forma negativa o falar gaúcho. Já o goiano, faz o processo inverso, ou seja,

aprecia o falar gaúcho em detrimento do paulista. Sobre o papel da linguagem na vida profissional dos informantes, Gimenes-Moralis constatou que sua função é manter a interlocução entre eles nas relações cotidianas de cada profissão.

Queremos aqui destacar, ainda, a pesquisa de Macedo-Karim (2012) *A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais*, na qual a pesquisadora apresenta os resultados de sua investigação quanto aos usos e atitudes linguísticas acerca do falar da comunidade São Lourenço, na região periférica do município de Cáceres-MT. Seu estudo teve como foco observar questões linguísticas e culturais voltadas para variantes linguísticas presentes na comunidade, em especial as fonológicas, morfossintáticas e lexicais, contexto em que foram observadas particularidades linguísticas próprias dessa comunidade, como “o uso do masculino em vez do feminino na concordância nominal; realizações africadas, [tS] e [L] em vez das fricativas, [S] e [Z] alternância do ditongo [ãW] e [õ], bem como peculiaridades lexicais do falar local, como as formas tchô e tchá para senhor e senhora” (p. xi).

Por fim, relacionamos a pesquisa de Gimenes-Silva (2016) entre o rol dos trabalhos desenvolvidos na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Seu estudo *Contatos de Línguas: Atitudes Linguísticas da Interação entre o falar boliviano e o falar cacerense* analisou as atitudes linguísticas manifestadas no contato linguístico entre cacerenses e bolivianos na cidade de Cáceres-MT, ocasião em que verificou que os informantes, de modo geral, avaliam positivamente seus respectivos falares, embora, quando se trate de questões relacionadas com aspectos econômicos, acreditam que ricos falam melhor e mais correto, porque estudam, o que denota, nas atitudes linguísticas dos informantes, tanto um preconceito linguístico quanto uma insegurança linguística. A pesquisadora também observou que há negociação e mudança linguística, em especial do sujeito boliviano que se desloca além das fronteiras para viver em solo cacerense, o que o leva não a apagar seu falar, mas negociar dentro das novas circunstâncias geográficas, políticas, culturais, econômicas e linguísticas.

Na seqüência, apresentamos a metodologia utilizada para desenvolver a presente pesquisa.



### 3 METODOLOGIA

Na investigação que nos propusemos, ou seja, analisar atitudes linguísticas de sujeitos surdos e da comunidade surda (gestores e intérpretes) no contexto de relação entre a LIBRAS e a Língua Portuguesa, foi-nos necessário, primeiramente, conhecer um pouco mais de perto esse universo para desfazermos algumas crenças equivocadas que transitam o cotidiano. Nesse sentido, percorremos a literatura sobre a história dos surdos para entender como esse sujeito se constitui ao longo da história e compreender o que vem a ser comunidade surda<sup>2</sup>. Após nosso primeiro contato, procuramos pensar como desenvolver um questionário-guia para que pudéssemos entrevistar o sujeito surdo e também seus ouvintes. Para essa tarefa, contamos as orientações dos trabalhos de Bisinoto (2000), Gimenes-Moralis (2000) e Macedo-Karim (2012), pesquisadoras que investigaram o tema *atitudes linguísticas* no cenário mato-grossense.

Para a confecção de nossos questionários-guia, estabelecemos três tipos de informantes para nosso estudo: o sujeito surdo, o intérprete de LIBRAS e o gestor desse tipo de ensino na cidade de Cáceres-MT. A amostra pensada para a pesquisa é a que segue, entretanto, quando tivemos contato com a realidade a ser pesquisada, observamos que não seria possível atender aos quesitos estabelecidos para o sujeito surdo, ou seja: estar cursando ensino fundamental ou médio, ter idade entre 10 e 18 anos, bem como apresentar dois informantes do sexo masculino e dois do sexo feminino, pois, nossa pesquisa necessitava de informantes surdos fluentes em LIBRAS, situação que não encontramos, infelizmente, nas escolas públicas. Desse modo, fomos conduzidos para outra estratégia para garantirmos a coleta de atitudes linguísticas, conforme demonstramos na Tabela2, em que **aluno** é substituído por **ex-aluno**, o sexo feminino predomina e a faixa etária e escolaridade também alteram. Acreditamos que as leves modificações a que fomos obrigados realizar não comprometeram nossos objetivos.

**Tabela 1:** Amostra de informantes

| SUJEITOS DA PESQUISA | SEXO      | ESCOLARIDADE             | IDADE | CONDIÇÃO AUDITIVA | QUANTIDADE |
|----------------------|-----------|--------------------------|-------|-------------------|------------|
| ALUNO                | FEMININO  | ENSINO FUNDAMENTAL/MÉDIO | 10-18 | SURDO             | 2          |
| ALUNO                | MASCULINO | ENSINO FUNDAMENTAL/MÉDIO | 10-18 | SURDO             | 2          |
| INTÉRPRETE           | FEMININO  | ENSINO MÉDIO/ SUPERIOR   | 18-50 | OUVINTE           | 2          |

<sup>2</sup> Comunidade surda, em linhas gerais, refere-se às pessoas ouvintes que interagem com os sujeitos surdos diariamente, entre essas pessoas temos professores, intérpretes, a família e outras instituições.

|                    |           |                        |       |         |           |
|--------------------|-----------|------------------------|-------|---------|-----------|
| <b>INTÉRPRETE</b>  | MASCULINO | ENSINO MÉDIO/ SUPERIOR | 18-50 | OUVINTE | 2         |
| <b>GESTORES</b>    | FEMININO  | ENSINO MÉDIO/ SUPERIOR | 18-50 | OUVINTE | 2         |
| <b>GESTORES</b>    | MASCULINO | ENSINO MÉDIO/ SUPERIOR | 18-50 | OUVINTE | 2         |
| <b>TOTAL GERAL</b> |           |                        |       |         | <b>12</b> |

**Fonte:** Dados da autora.

Durante o processo de composição dos sujeitos informantes, em especial no grupo de gestores, pudemos observar certa resistência ao nosso convite, posto que, neste grupo, os sujeitos não se mostraram receptivos em colaborar com estudo, mesmo a pesquisa retratando situações de seu cotidiano profissional. Nesta etapa, contamos com uma colega que atua na área da comunidade surda como intérprete para nos auxiliar no processo de mediação dos sujeitos ouvintes e dos sujeitos surdos que comporiam a amostra do estudo. Assim, definida nossa amostra, fomos a campo para as entrevistas.

No caso do sujeito surdo, utilizamos gravações em vídeo e contamos com a colaboração de um intérprete para auxiliar nas perguntas feitas aos informantes. Coletadas as entrevistas com esses informantes, transcrevemos suas respostas de forma livre, porém sempre auxiliada por um especialista na Língua Brasileira de Sinais, a fim de não correr o risco de perder nenhuma atitude manifestada. Para os informantes ouvintes, as entrevistas foram feitas por meio de gravação em áudio, as quais também foram transcritas de forma livre. As gravações, tanto em áudio quanto em vídeo, totalizaram uma média de 1 (uma) hora e meia por informante, de um grupo de 12 pessoas. À exceção de 1 (um) informante, todos os demais são naturais do município de Cáceres-MT.

Os questionários-guias<sup>3</sup> foram compostos de perguntas centrais e periféricas, em que as primeiras são o alvo do estudo e as segundas serviram para descontrair o informante durante a entrevista, segundo orienta a metodologia sociolinguística.

No processo de organização dos questionários, elaboramos três roteiros, um para cada tipo de informante, ou seja, um para o intérprete, um para gestores e outro para os sujeitos surdos, visto que a perspectiva de atitudes se difere para cada um deles.

Na construção do roteiro, tomamos cuidado com as particularidades de cada informante, embora as questões periféricas, utilizadas para descontraí-lo durante a entrevista, sejam as mesmas nos três roteiros (GIMENES-MORALIS, 2000; MACEDO-KARIM, 2012). Por outro lado, as questões centrais, cujo foco é a coleta de atitudes dos informantes, variavam, segundo o perfil de cada informante, de modo que fizemos perguntas do tipo:

<sup>3</sup> Estão nos anexos desta Dissertação.

- Quando aconteceu seu primeiro contato com um surdo? Como foi? - Gestores
- Você sentiu alguma dificuldade ou desconforto ao se comunicar com ele? Como aconteceu essa comunicação? – Gestores
- Você acredita que as pessoas surdas ricas e as pessoas surdas pobres, que utilizam a LIBRAS, falem da mesma maneira? Comente. – Intérprete
- Você acha o português uma língua fácil ou difícil para ser ensinada a uma pessoa surda? – Sujeito surdo
- Para você, existe algum tipo de diferença em relação ao desenvolvimento linguístico de um aluno surdo que aprende a LIBRAS como língua materna e aquele aluno surdo que aprende primeiro o português? Comente. – Sujeito surdo

Outro aspecto na elaboração do roteiro de entrevista diz respeito à organização dos temas das perguntas que o compuseram, situação que fomos guiados pelos apontamentos de Macedo-Karim (2012), de modo que nossas perguntas abarcaram 5 temas: (1) A cidade de Cáceres; (2) As características dos nativos da comunidade surda; (3) A cultura cacerense no âmbito da LIBRAS/Língua Portuguesa; (4) O falar da comunidade surda no que diz respeito ao contato entre a LIBRAS e a Língua Portuguesa; (5) A relação entre a comunidade surda e outras grupos externos.

Quanto à identidade de nossos informantes, eles são identificados no corpo do trabalho, conforme segue:

**Tabela 2:** Identificação dos informantes<sup>4</sup>

| SUJEITOS DA PESQUISA | SEXO      | ESCOLARIDADE            | IDADE | CONDIÇÃO AUDITIVA |
|----------------------|-----------|-------------------------|-------|-------------------|
| SS1                  | Feminino  | Ensino Médio            | 23    | Surdo             |
| SS2                  | Feminino  | Ensino Superior         | 24    | Surdo             |
| SS3                  | Masculino | Ensino Médio            | 28    | Surdo             |
| SS4                  | Masculino | Ensino Médio            | 32    | Surdo             |
| OI1                  | Feminino  | Ensino Superior         | 37    | Ouvinte           |
| OI2                  | Feminino  | Ensino Superior Incomp. | 32    | Ouvinte           |
| OI3                  | Feminino  | Ensino Superior         | 50    | Ouvinte           |
| OI4                  | Feminino  | Ensino Superior         | 45    | Ouvinte           |

<sup>4</sup>SS – Sujeito surdo; OI – Ouvinte intérprete; OG – Ouvinte Gestor.

|            |           |                 |    |         |
|------------|-----------|-----------------|----|---------|
| <b>OG1</b> | Masculino | Ensino Superior | 30 | Ouvinte |
| <b>OG2</b> | Feminino  | Ensino Superior | 32 | Ouvinte |
| <b>OG3</b> | Feminino  | Ensino Superior | 49 | Ouvinte |
| <b>OG4</b> | Feminino  | Ensino Superior | 49 | Ouvinte |

**Fonte:** Dados da autora.

Conforme tabela de *Identificação dos Informantes*, as faixas-etárias variam de 23 a 32 anos, para os sujeitos surdos, cuja escolaridade é ensino médio completo e também superior completo; 32 a 50 anos, para gestores e intérpretes, quase todos com nível superior completo, à exceção de um ouvinte intérprete.

Os dados referentes às atitudes de nossos informantes foram coletados em entrevistas realizadas pela pesquisadora face a face e gravados em áudio e/ou vídeo com anuência de cada informante. Suas atitudes manifestaram juízos de valor, opiniões, preferências, sentimentos, entre outros aspectos que abarcam o termo **atitudes**, em geral.

As entrevistas seguiram um questionário-guia com um roteiro composto de 42 a 50 perguntas, entre as quais perguntas periféricas e também centrais, estas últimas, como ditas, essência do trabalho. Durante as entrevistas, algumas questões foram esclarecidas e/ou mesmo desdobradas para o informante, quando este não entendia o foco da questão.

O clima durante o processo de entrevistas era amistoso entre informante e pesquisadora, embora tenhamos percebido, em algumas ocasiões, certa timidez ou resistência por parte do informante em questões que envolviam diretamente as vivências e experiências da/na comunidade surda, o que acreditamos necessitar de pesquisas futuras que sejam recorrentes neste universo, a fim de romper qualquer barreira que impeça os sujeitos dessa comunidade de se exporem ao mundo.

Os locais e horários das entrevistas foram definidos pelos informantes, conforme a disponibilidade de cada um, de modo que realizamos entrevistas tanto em local de trabalho ou mesmo na residência do informante.

Durante as entrevistas, dissemos a todos informantes que a pesquisa era voltada ao conhecimento e divulgação do ensino de LIBRAS no contato com a Língua Portuguesa no município de Cáceres-MT, para que pudéssemos contemplar o bom trabalho desenvolvido pelos profissionais, bem como tornar conhecida a comunidade surda do município.

## 4 A ANÁLISE

Como dito em outros momentos supracitados neste trabalho, nossa proposta tem como foco as atitudes linguísticas de sujeitos surdos e de sujeitos ouvintes (intérpretes e gestores) no contexto do contato da LIBRAS com a Língua Portuguesa. Para melhor considerarmos as atitudes manifestadas por nossos informantes, tomamos o cuidado de conhecer a legislação que orienta as diretrizes da educação para surdos no Brasil e que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como língua materna dos surdos.

### 4.1 Os Gestores

Diante do exposto, passamos às análises de nossas perguntas centrais, a fim de observarmos as atitudes que nossos informantes manifestaram durante nossas entrevistas. Começamos aqui com as perguntas direcionadas aos gestores, seguidas dos intérpretes, para finalizarmos com os sujeitos surdos.

Nossa primeira pergunta central para gestores foi: *Quais curiosidades e peculiaridades sobre esta língua você conhece?* As respostas que obtivemos expressam:

*(1)OG1 - Não conheço... mas eu acredito que começou com a linguagem da nossa humanidade. Desde os egípcios, desenho. Ah, eu acredito que isso aí... é um pré início da nossa linguagem, normal, que a gente fala, e assim... até .. chegar na LIBRAS.*

*(2)OG2: É a simbologia, são os códigos que se usa, é um sinal pra cada palavra, possui um código, acho que a língua se difere, pra mim. Eu sempre digo pros alunos do curso. LIBRAS é a língua da alma. Só se expressa quem tem sentimentos com ela.*

*(3)OG3: Eu a vejo como um idioma. Como um idioma que você vai aprender e ter a mesma dificuldade, como Inglês, Alemão, e outras línguas só que com a diferença que você vai usar as mãos e não a língua.*

(4)OG4: Não respondeu!

Conhecer uma língua quase sempre implica fazer julgamentos sobre ela pelos seus falantes, a exemplo de “normal” apontado na fala de OG1, ou “a língua difere”, como dito por OG2, enquanto OG3 apresenta particularidades gestuais da LIBRAS. Neste último caso, OG3 refere-se à LIBRAS não como língua de comunicação equiparada às demais línguas verbais. Parece deixar entrever em sua fala que, embora haja comunicação na LIBRAS, esta parece ser inferior às demais línguas existentes no mundo, ou seja, denota-se aqui uma crença de inferioridade quanto à LIBRAS.

O discurso sobre a língua já nos é apontado em estudos feitos por Schlieben- Lange (1993), em que a pesquisadora, ao tratar do bilingüismo encoberto na fala ocitana, no sul da França, o enquadra nas discussões acerca de “atitudes linguísticas” e “consciência linguística” dos falantes. Segundo a autora, as línguas e suas variedades são frutos de avaliações tanto descritivas quanto qualitativas, em que tais avaliações pontuam o falar e o saber sobre línguas. Quanto ao *saber sobre a língua*, este se refere ao “que” e ao “como” da fala que o falante convive e coloca em circulação no seu dia a dia. Por outro lado, há também, um *discurso público* sobre a língua que alimenta e reincorpora certos estereótipos nas línguas e na fala. Assim,

O discurso público sobre a língua(s) contém principalmente avaliações, isto é, julgamentos sobre bonito e feio, bom e ruim, eficiente etc. Mas também contém elementos do saber, como por exemplo, sobre a distribuição de línguas no tempo e no espaço (por exemplo, “cada vila tem um dialeto diferente”), sobre situações e tipos de textos, para os quais, outra língua (ou fora linguística) é adequada (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 95).

O saber sobre a língua, que o falante carrega consigo, é parte constitutiva de sua prática linguística que, em concorrência com demais falares, coloca em ação um discurso público sobre a língua carregado de estereótipos que vão e vem, fato que também ocorre na LIBRAS, como verificamos neste estudo e também nos apontamentos de OG3, como se essa não fosse uma língua, fator que nos leva a pontuar o papel político que a LIBRAS traz consigo na interação social.

Em 2, buscamos: *Você acredita que os surdos de fora, que utilizam a LIBRAS, falem de outra maneira dos surdos de Cáceres?*

(5)OG1: *Eu acho que não! Eu acho que cada localidade tem seu vício de linguagem.*

*(6)OG2: Não, não, eles usam outras LIBRAS, aí vai entrar a questão de regionalismo. Cada local, cada região com sua Língua de Sinais, têm diferença... um sinal de uma região pra outra, São Paulo tem alguns sinais diferenciados que usam daqui... e vice-versa de Goiânia, de Brasília. Existe uma diferença... existe uma diferença ao usar a LIBRAS. Eu já tive a experiência com surdos que tem uma linguagem aprimorada da LIBRAS, eu diria bem mais que é que nem o Português, se você dá oportunidade de seu aluno estudar ele vai ter uma diferença, assim, mesmo o surdo se ele tiver... ele vai ter uma diferença.*

*(7)OG3: Sim, eles têm uma forma diferente de falar, porque eles vêm de outras cidades, de outras regiões e aí, como o português tem as suas diferenças nas variações linguísticas, eles também têm. Têm algumas palavras só que é Universal, ou que fala lá na cidade também estando no mesmo Estado, pode ser igual aqui mais tem suas variantes sim.*

*(8)OG4: Se for do mesmo estado fala igualzinho. Agora se for de outro estado algumas palavras são diferente, os sinais, mas mesmo assim eles se comunicam e se entendem.*

É sabido que as atitudes estão intrinsecamente relacionadas à variação e também à mudança linguística. Como visto anteriormente, as atitudes manifestam um saber e um discurso público sobre a língua e, neste último caso, temos os estereótipos que atuam de forma singular nas línguas ou variedades linguísticas que concorrem entre si. Assim, OG1 afirma que cada localidade tem seu “vício”, provavelmente uma forma particular, uma variedade linguística assumida. OG2 e OG3 pontuam a questão da variação existente na LIBRAS na sua relação com a variável do regionalismo. Por outro lado, OG4 só reconhece a variação se os estados forem diferentes, deixando entrever que não existiriam diferenças linguísticas entre falantes de um mesmo estado ou falantes em diferentes situações comunicativas, conforme “Se for do mesmo estado fala igualzinho”, esquecendo-se da variação no que diz respeito às variáveis de gênero, idade, classe social, entre outras, implicadas na variação social ou diastrática (ALKMIM, 2003).

Ainda considerando o contexto da questão 2, nossos informantes apontam a questão da variação geográfica ou diatópica relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço

físico, portanto constatadas entre falantes de regiões geográficas distintas (ALKMIM, 2003, p. 34). Tais diferenças residem ora no plano fonético, ora no lexical, ora no gramatical, marcando-se o regionalismo assinalado por OG2.

Em 3: *Você acredita que as pessoas surdas ricas/pobres, que utilizam a LIBRAS, falem da mesma maneira? Comente.*

(9)OG1: *É... no caso, quem vai ter acesso a mais informação vai ter uma LIBRAS mais refinada[...] ter acesso a menos... a classe média, pobre... ali ele vai ter um acesso informal, mais empírico, mais chulo, palavões, então esse seria, eu acho que a única diferença seria.*

(10)OG2: *Não respondeu!*

(11)OG3: *Pode haver comunicação tranquilamente de ambas as partes. Desde que haja o estudo de ambas as línguas, eu creio que pode ser mesma coisa de um falante que tem estudo, mas se o outro falante que não tem estudo vai ter essa diferença sim.*

(12)OG4: *Sim. [...] porque está certo que ele é rico, e o outro é pobre, o rico tem mais condições de procurar uma melhoria melhor. Da LIBRAS, o conteúdo é o mesmo.*

Na questão três, observamos que as atitudes dos informantes direcionam-se para o mito de quem estuda mais fala melhor, um preconceito linguístico, portanto social, no qual se acredita que as pessoas sem instrução escolar só produzem a linguagem informal, de modo que só os ricos produzem uma “linguagem refinada” (BAGNO, 2003). Os estudos de Lambert e Lambert (1975) atestaram que as atitudes podem estar carregadas de desvalorização de uma determinada variedade linguística, pois são os grupos de maior prestígio social que acabam por determinar uma variedade linguística de prestígio, fato também apontado por Aguilera (2008a), em que a pesquisadora observa que são os grupos mais altos na escala socioeconômica, os responsáveis por ditar o que se tem prestígio e status numa determinada comunidade linguística. Dito de outro modo, prestígio e status parecem estar relacionados ao conhecimento que a sociedade tem das pessoas em razão de sua condição socioeconômica e cultural, ou seja, dizem respeito ao poder aquisitivo, sua capacidade intelectual, sua posição social, etc.



Como observamos, nossos informantes atestam que o rico tem uma linguagem “refinada”, porque tem mais acesso ao estudo, logo sua linguagem é “superior” à do pobre, marcando diferenças entre eles, ou seja, reforçam-se mais uma vez o mito da inferioridade. Além disso, quando consideramos uma comunidade, é preciso estar atento às variedades linguísticas que circulam nela. Desse modo, a variação social ou também chamada diastrática relaciona um conjunto de fatores no que diz respeito tanto à identidade do falante quanto à forma de organização sociocultural de uma determinada comunidade, de modo que, entre os fatores sociais relacionados a esse tipo de variação, estão as variáveis “classe social”, “idade”, “sexo”, “situação” ou “contexto social” (ALKMIM, 2003).

Em 4: *Entre a fala do surdo mais novo e o mais velho, você acredita que existem diferenças? Comente.*

*(13)OG1:É! Eu acredito que é, porque o mais velho você vê, [...]ele até consegue articular, é... você até meio que escuta, parece que ele ta falando... mas não sai... quanto aos mais novos, quando tá conversando nem abre a boca.*

*(14)OG2:Existe, existe uma diferença, é... eu diria que os surdos mais novos estão bem mais antenados na linguagem dele... que existe as gírias entre eles, né? Eu diria que são mais antenados mais ligados pela mídia que se tem enquanto o Surdo mais idoso ele não tem a mesma, eu diria a mesma paciência.*

*(15)OG3: Sim, há sim. Como não. Porque o mais velho vai ter a forma dele de falar e o mais novo vai ter a forma dele falar também em LIBRAS e há, a comunicação tranqüila.*

*(16)OG4: Tem assim, em termos, como eu vou dizer: antigamente, os Surdos idosos quase não tinham a língua fluente, e hoje o pessoal que está vindo, já está com a LIBRAS afiada. Mas a diferença é muito pouca.*

Quando tomada em consideração a variável idade, percebemos que nossos informantes atestam unanimemente a existência de variação, logo diferenças entre o falante mais novo e o falante mais velho, isto é, as duas gerações produzem falas e comportamentos segundo a idade em que se encontram, já que há particularidades específicas entre eles, conforme aponta, por exemplo, o informante OG2 quanto às gírias existentes na fala do indivíduo mais novo, algo que seria próprio da idade, um tipo de variação sociocultural. Além disso, de

acordo com o informante OG4, a geração mais nova da LIBRAS é dinâmica, fluente, “afiada”, quando comparada com os surdos idosos, embora este informante marque uma diferença pequena em relação à articulação da LIBRAS pelos surdos de qualquer idade.

Pensando o fenômeno da variação e as variáveis que a implicam, podemos observar que a prática linguística dos informantes, logo seu saber sobre a língua, os conduz para enunciações sobre a língua, as quais atestam a identificação, por parte destes informantes, da existência de variantes na LIBRAS (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 94-95). No caso em pauta, é a variável idade determinada pelas atitudes linguísticas manifestadas, visto que, conforme a idade, há a utilização de um léxico particular e o exemplo da gíria é clássico no sentido de identificar a faixa etária jovem, ou seja, uma dada situação

Ainda considerando os apontamentos feitos na questão 4, ressaltamos que as atitudes de nossos informantes implicam um deslocamento que transcende diferenças geográficas para situar-se no plano das diferenças socialmente marcadas, posto que “[...] as atitudes linguísticas não estão delimitadas apenas por fronteiras geográficas, mas também por fronteiras sociais” (BELINE, 2011, p. 129), a exemplo da variável idade.

Em 5: *Em qualquer situação você fala/usa LIBRAS do mesmo jeito?*

(17)OG1: *Não! Não! Eu.. acho que a LIBRAS é meio universal, é... **deve ter vícios, deve ter alguns vícios, deve ter um sinal que representa uma palavra... um sinal que representa uma expressão..Teria padronizar isso aí.. eu não sei como seria.. não...***

(18)OG2: *Existe uma diferença, depende da onde estou! O público alvo que eu estou usando, **a linguagem que eu usar com uma criança surda não vai ser a linguagem de dentro de uma universidade**, no ensino médio em outra categoria, acho que tem uma diferença. Quando você é intérprete, você sabe o que você vai dizer quando você tá no ensino médio, dentro da universidade.... trabalhar com a criança surda.*

(19)OG3: *Creio eu que sim, mas **desde que o ouvinte saiba LIBRAS também**, né?*

(20)OG4: *Quando eu estou junto com o Surdo sim. Agora quando eu estou com ouvintes não tem necessidade de se falar a LIBRAS. Então **quando você está com os Surdos você fala normalmente**. Aí quando eu não entendo uma palavra, eu faço datilologia e eles me dão um sinal.*

As questões que analisamos até agora apontam uma relação intrínseca das atitudes com a variação, uma vez que as avaliações e julgamentos de nossos informantes, de uma forma ou de outra, são conduzidas pelas variáveis de idade ou de classe social, fatores já apontados nos estudos desenvolvidos por Labov e outros estudiosos, os quais observam o quanto as atitudes dos falantes influenciam no fenômeno da variação.

Nesse sentido, na pergunta 5, as atitudes linguísticas são manifestadas levando-se em consideração a variável de classe, em que OG1 reitera a existência de “vícios” na LIBRAS, e sugere uma padronização da linguagem, ou seja, uma uniformidade, discurso oriundo, provavelmente, dos estereótipos que circulam na sociedade, ou seja, é preciso eleger uma variedade de prestígio, como se a fala fosse uniforme para todos e entre todos. Já OG3 acredita que só há comunicação se os sujeitos em interação tiverem conhecimento da LIBRAS, descartando-se aí as demais manifestações linguísticas, o que chama a atenção, já que a LIBRAS tem como base primordial os gestos para o processo de interação comunicativa. OG2 reconhece a necessidade de adequar sua comunicação de acordo com o público para o qual se dirige a consciência linguística que incide diretamente na fala desse informante. Mais uma vez é o saber sobre a língua que se reforça nesses posicionamentos.

Numa sociedade, “as variedades linguísticas utilizadas pelos participantes devem corresponder às expectativas sociais convencionais: o falante que não atender às convenções pode receber algum tipo de “punição” (ALKMIM, 2003, p. 37), consciência linguística que orienta as atitudes de nossos informantes quanto à necessidade de adaptação da fala, segundo as circunstâncias comunicativas.

Em 6: *Você acha que falar LIBRAS diferente é falar errado?*

(21)OG1: *Não! Se a pessoa conseguiu comunicar, chegar em um objetivo tá valendo.*

(22)OG2: *Não, não é. É um regionalismo. É bem claro que existe uma diferença nesse regionalismo. Tá?*

(23)OG3: *Creio eu, que não há certo ou errado, desde que o outro entenda não há certo ou errado.*

(24)OG4: *Não tem nada haver. A LIBRAS é universal. Uma língua que todo mundo precisa saber.*

Coloca-se em jogo a consciência linguística do falante em 6, ou consciência metalinguística dos informantes, como nos aponta Schlieben-Lange (1993). Desse modo, o diferente, tomado como sinônimo de variação conduz nossos informantes para as seguintes situações: na comunicação vale tudo para se fazer entendido – no caso OG1; diferente está relacionado a regionalismo, segundo OG2, deixando entrever a questão da variação linguística; se fazer entender é reforçado por OG3 e, a universalidade é apontada por OG4, o qual não acredita em diferente, mas na homogeneidade linguística, razão que o remete a sugerir o aprendizado da LIBRAS para todas as pessoas, anulando-se, desse modo, toda e qualquer diferença ou variação que se possa existir na LIBRAS.

Sobre a homogeneidade, gostaríamos de registrar as palavras de Alkmim (2003, p. 42):

A homogeneidade linguística é um mito, que pode ter conseqüências graves na vida social. Pensar que a diferença linguística é um mal a ser erradicado justifica a prática da exclusão e do bloqueio a bens sociais. Trata-se sempre de impor a cultura dos detentores do poder (ou a eles ligados) aos outros grupos – e a língua é um dos componentes do sistema cultural (ALKMIM, 2003, p. 42).

De acordo com Calvet (2002, p. 73-74), as atitudes podem ser tanto positivas quanto negativas e, no caso da variação, temos atitudes de rejeição ou de aceitação, o que não significa, necessariamente, influenciar o modo de falar dos falantes, mas, por outro lado, influenciar a percepção que os falantes assumem diante do falar do outro, a exemplo dos julgamentos que as pessoas fazem diante das variações linguísticas regionais/geográficas.

Em 7: *Você acha o português um língua fácil ou difícil para ser ensinada a uma pessoa surda?*

(25)OG1: *O português é difícil até pra gente que é **normal**... o português é muito complexo.*

(26)OG2: *Português? **Pro Surdo é difícil**, pro Surdo é uma língua extremamente difícil, porque é uma língua estrangeira, né? Porque, para o Surdo, o Português é uma língua estrangeira. Aí torna um pouco difícil de ele aprender.*

(27)OG3: *O português, ele é uma língua assim difícil para surdos e para falantes também. A nossa língua é assim, é a nossa língua materna, mas **para ensinar gramática já é difícil para nós quanto falante, imagina pra surdo.***

(28)OG4: *Olha... o Português não é fácil para alunos surdos, é difícil, inclusive eu bato na tecla por causa do ENEM, ou vestibular. Um aluno surdo vai fazer o vestibular ou o ENEM, ele não vai passar na redação porque a escrita dele é totalmente diferente do nosso Português. Aí eu falo... cadê a inclusão? Eu acho que aí eles têm que pensar que a LIBRAS é uma língua e que a gente tem que aceitar a escrita deles. Aí tem o redator, né? Pra essa hora corrigir a prova dos alunos que são surdos. Porque eles não têm esse olhar. Porque eu deparei com uma aluna minha, que ela fez vestibular, realmente estava coerente. Só que ela não passou, porque a redação dela não estava na língua correta.*

Podemos observar em sete que as atitudes apresentam-se carregadas de preconceito linguístico-social, a exemplo de OG1 quando diz: “*O português é difícil até pra gente que é normal*”, o que nos leva a questionar: seria o surdo um sujeito anormal? É o que parece estar subentendido no discurso de OG1 e também reforçado, de certa maneira, por OG2, ao pontuar que “pro surdo é difícil” o português, como se o sujeito surdo tivesse limitações cognitivas que o impedissem de aprender qualquer outra língua, não apenas o português. OG3 também marca o preconceito linguístico-social em suas atitudes sobre o ensino do português para surdos ao dizer “*para ensinar gramática já é difícil para nós enquanto falante, imagina pra surdo*”, enquanto OG4 remete ao português como “língua correta”.

A ideia de que “português é muito difícil” serve apenas como mais um dos instrumentos de manutenção do status quo das classes sociais privilegiadas. Essa entidade mística e sobrenatural chamada “português” só se revela aos poucos “iniciados”, aos que saem as palavras mágicas exatas para fazê-la manifestar-se. [...] A propaganda da suposta “dificuldade” da língua é [...] “o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder” (p.6). Sustentar que “português é muito difícil” é cavar uma profunda trincheira entre os poucos que “sabem a língua” e a massa enorme de “asnos” [...] que necessitam, assim, do “auxílio indispensável daqueles mestres” para saltar com segurança por sobre o abismo da ignorância (BAGNO, 2003, p. 39).

O preconceito linguístico-social está arraigado dos estereótipos produzidos sobre a língua, logo um discurso público sobre a língua reiterado por seus falantes (SCHLIEBEN-LANGE, 1993). No nosso caso, são gestores educacionais que reforçam tais preconceitos em seus discursos, suas atitudes, quando deveriam combater tal tipo de situação e rejeição/resistência quanto ao ensino do português para sujeitos surdos, isto é, deveriam subverter esse tipo de estereótipo linguístico. Além disso, tomam suas “limitações” como se fossem as limitações dos sujeitos surdos, inserem barreiras à inclusão desses sujeitos. Como abordado por Bisinoto (2007), falaríamos aqui em “atitude sociolinguística”, já que a atitude linguística

e a social complementam-se na forma como os indivíduos agem e reagem. Dito de outro modo:

As avaliações manifestas e encobertas, subjetivas e objetivas, mais ou menos conscientes, relativas à linguagem dos homens numa sociedade plural, têm a propriedade de fundar e governar tanto as relações de poder quanto o prestígio ou o desprestígio das formas linguísticas, estabelecendo seletividades, evidenciando preconceitos (BISINOTO, 2007, p. 24).

Em 8: *Como você analisa a reação das pessoas ouvintes, que não conhecem LIBRAS, ao terem um primeiro contato com ela? Como e o que pensam sobre essa língua?*

(29)OG1: *Eles ficam, em primeiro momento, eles têm um choque ... como que eles tão comunicando? Eles têm uma reação de curiosidade, de curiosidade, meio de afastamento. Então, a primeira reação é a curiosidade, depois você vê que eles ficam mais tranqüilos.*

(30)OG2: *Depende do espaço em que você está. Eu já tive um espaço como interprete que eu fui barrada pelo professor, né? Pela falta do próprio conhecimento, de entender e conhecer a LIBRAS. Hoje se tem o olhar um pouco mais positivo.*

(31)OG3: *[...] ficava olhando e se admirava de ver os movimentos os gestos, e como eles falavam com naturalidade e a expressão do corpo falava muito também, e ela ficava maravilhada com aquilo, como as pessoas podem se comunicar por gestos. E achou muito difícil também.*

(32)OG4: *Anos atrás os alunos tinham receio de ficar perto dos surdos e os surdos perto dos ouvintes. Mas hoje, com a inclusão, a mente dos alunos já está aberta, eles adoram os surdos, eles ajudam os alunos que são surdos.*

As atitudes dos informantes sobre a avaliação que fazem de pessoas que têm o primeiro contato com a LIBRAS apontam as seguintes situações: “choque”, “curiosidade”, “afastamento”, “admiração”, “exclusão”, “dificuldade”. Retomando Lambert e Lambert (1975, p. 107), as funções das atitudes se definem como seguem:

As atitudes desempenham papéis importantes na determinação de nosso comportamento. Por exemplo, influem em nossos juízos e percepção dos outros; influem na rapidez e eficiência de nossa aprendizagem, ajudam a determinar grupos

a que nos ligamos às profissões que finalmente escolhemos e até a filosofia que aceitamos.

Diante do exposto, verificamos que o modo como os gestores percebem as reações de ouvintes diante do primeiro contato com a LIBRAS ressaltam as concepções tanto de aceitação dessa língua quanto da desvalorização dela, a qual, nesse último caso, apresenta-se encoberta nas atitudes de exclusão daquele que não sabe LIBRAS – OG2; do afastamento e do choque, OG1; do encantamento, OG3, passando pela desconfiança até a aceitação, como em OG4.

A contraposição entre línguas pode levar ao risco da configuração do preconceito linguístico, visto que não existem línguas “inferiores” nem variedades linguísticas “inferiores”, de modo que os julgamentos sociais, isto é, as atitudes sociais perante uma língua, de modo geral, têm raízes não linguísticas, portanto são julgamentos políticos e sociais, a exemplo da avaliação que se faz do dialeto caipira. Como dito por Alkmim (2003, p. 42), “[...] julgamos não a fala, mas o falante, e o fazemos em função de sua inserção na estrutura social”. E, aqui, não podemos nos esquecer da imagem vinculada à LIBRAS, em razão das questões históricas enfrentadas pelo sujeito surdo, considerado, em muitos períodos, um sujeito “mentalmente desequilibrado”.

Em 9: *Você enxerga algum tipo de preconceito linguístico, por parte das pessoas ouvintes quanto ao uso ou ao ensino de LIBRAS enquanto língua dos Surdos? Pode dar exemplo?*

(33) **OG1:** *Não presenciei... não reparei.. a gente vê assim.. as pessoas tenta se comunica... isso eu já presenciei.. de qualquer maneira elas tentam se comunicar.*

(34) **OG2:** *Tem! Ainda se tem preconceito. O preconceito social. Estereótipos que se usa... é surdinho... é mudinho... é um deficiente. O lado social ainda... né? Usando a LIBRAS são mais positivas. Já houve momentos que foram muito negativos.*

(35) **OG3:** *Eu não sei se pode chamar preconceito, eu não sei ou assim. Ele precisa de LIBRAS pra se comunicar, já eu não preciso e, é uma coisa assim não sei se é preconceito, mas é uma coisa amena, você não percebe ou não interessa, porque a necessidade é dele, e ele que se vire pra tentar se comunicar, ele que precisa. Ele que corra atrás pra aprender LIBRAS. Essa parte eu não sei dizer se pode chamar preconceito, mas é o deixar de lado e não se preocupar.*

*(36)OG4: Não responde à pergunta!*

Se OG1 manifesta a tentativa de interação e inclusão dos ouvintes com os sujeitos surdos, OG2, por outro lado, ratifica o preconceito linguístico-social como fruto do discurso público sobre a língua por meio de estereótipos do tipo “surdinho”, “mudinho”, “deficiente”, os quais são depreciativos, além de emitirem julgamentos em relação ao sujeito surdo e não sobre a LIBRAS, o que é reforçado por OG3 em “é o deixar de lado e não se preocupar”, o que traduz, de certa forma, o abandono e a exclusão do sujeito surdo. Aqui, a percepção sobre as atitudes do outro reforçam o discurso do preconceito, na verdade, social, como postulado por Bagno (2003). Ou, como já apontado por Alkmim (2003, p. 42): “[...] julgamos não a fala, mas o falante, e o fazemos em função de sua inserção na estrutura social”.

Em 10: *Você conhece alguma pessoa ouvinte e outra pessoa surda, aqui de Cáceres, que utilize a LIBRAS e que já tenha recebido algum elogio pelo seu modo de comunicar-se com os Surdos? Ou que sua maneira de falar tenha sido discriminada? Comente.*

*(37)OG1: Elogio em que sentido? AH..Nossos três alunos, trabalhando... estão nas empresas.. a gente vê o povo falando bem deles.*

*(38)OG2:Sim, eu já recebi, eu tive uma experiência, que eu tava aqui na cidade, na universidade, eu fui citada como a primeira interprete em Cáceres na rede pública e eu me senti muito... gratificante por isso. Então eu já fui citada por eles. Eu fico muito feliz. Eu gosto muito da LIBRAS. E pelo reconhecimento dos próprios surdos em relação a minha pessoa. No sentido positivo...*

*(39)OG3:Os que eu conheço que são ouvintes e sabem LIBRAS elas são sempre elogiadas por todos.*

*(40)OG4: Nunca vi discriminação. Nunca vi. [...] eles fazendo palestras em LIBRAS,só vi elogios. Espero que seja sempre assim.*

Na questão 10, constatamos as seguintes situações: atitudes positivas que tomam o “eu” como referência para autopromoção de si diante das avaliações que o outro faz dele – OG2; e reconhecimento do sujeito surdo, logo aceitação e valorização de seu perfil linguístico-social, como em OG1, OG3 e OG4: “Nossos três alunos, trabalhando... estão nas



empresas. A gente vê o povo falando bem deles”; “os que eu conheço que são ouvintes e sabem LIBRAS elas são sempre elogiadas por todos”; “só vi elogios”.

Como sabemos, as atitudes linguísticas podem ser tanto positivas quanto negativas. Para a situação em tela, as avaliações são positivas, entretanto avaliam-se o sujeito e não o modo de falar em LIBRAS, embora “[...] as atitudes linguísticas exercem influências sobre o comportamento linguístico” (CALVET, 2002, p. 65).

Na seqüência, apresentamos as atitudes manifestadas pelos ouvintes intérpretes, seguidas dos sujeitos surdos para, no final, apresentarmos os quadros de nossas impressões.

## 4.2 Os Intérpretes

Neste tópico, abordamos atitudes linguísticas dos informantes *Intérpretes* cujo contato com pessoas surdas no seu dia a dia profissional permite a ele um olhar, acreditamos, mais fino sobre a vivência deste sujeito. Passemos às questões de um total de quatro informantes:

Em 1: *Na sua profissão, é preciso escolher um jeito diferente para se comunicar com cada pessoa surda, ou não?*

*(41)OII: Acredito! Assim como com o ouvinte... né? Cada pessoa tem uma personalidade, cada pessoa tem uma característica, né? Então, às vezes, uma pessoa, ela domina bem a LIBRAS, mas ela fala devagar. A outra pessoa... ela só sabe gestos, mas se você fizer sinais com ela de uma forma mais suave ela vai entender, se você fizer mímica, tanto o surdo que sabe os sinais como o que não sabe vai entender. Então, eu acredito que cada pessoa é uma forma diferente, sim!*

*(42)OI2: Nós somos indivíduos, né? Cada um tem uma forma, uma particularidade, mas se tratando da língua, não. Não, necessariamente eu acho que a gente precisa tratar cada pessoa com sua individualidade, mas no sentido linguístico, não.*

*(43)OI3: Não!! Simplesmente, nós temos... o Surdo, ele tem a língua própria dele e nós temos a nossa, tranqüilo... é... como assim mudar o jeito de falar? Não... você tem a necessidade de conhecer a língua e saber realmente usar esta língua... assim, como você sabe sua língua oral. Então, você também tem que saber usar a*

**LIBRAS.**

*(44)OI4: Eu não sei se é falar ... o de falar eu acho é comum, eu acho que **cada um tem necessidades diferentes**. E meu olhar tem que ser diferente deles, questão de aprendizagem, questão de conhecimento de cada aluno, né? Eu preciso perceber o que eles conhecem, ele sabe, pra eu poder atuar, aí nesse sentido a comunicação talvez possa ser diferente, mas a comunicação de um modo geral eu acho que é igual.*

As diferenças quanto ao tratamento com os sujeitos surdos denunciam o reconhecimento da existência da variação, segundo as particularidades linguísticas de cada sujeito, conforme apontado por OI1 e OI4, enquanto OI2 e OI3 acreditam que, em termos de língua, não há diferenças quanto à forma de se comunicar com os sujeitos surdos, como se a língua ou mesmo suas variedades fossem homogêneas, desconsiderando, portanto, as diferentes situações que podem ocorrer durante a interação comunicativa.

Fishman (1972, p. 29) define situação “pela ocorrência de dois (ou mais) interlocutores mutuamente relacionados de uma maneira determinada, comunicando sobre um determinado tópico, num contexto determinado”, o que possibilita descrever os padrões sociais de uso das variedades linguísticas, visto que a língua varia, também, segundo as circunstâncias comunicativas, ou seja, isso implica dizer que o falante varia o seu registro de língua, de acordo com a situação, aspecto que, às vezes, os intérpretes informantes parecem não considerar como existente na comunidade surda.

Em 2: *E quais curiosidades e peculiaridades sobre esta língua você conhece?*

*(45)OI1: Então uma coisa que eu acho interessante na LIBRASB são duas coisas.... 1º os sinais dito como empréstimos da LIBRAS né. E o outro foi o desejo que o imperador, na época D. Pedro, teve que os surdos no Brasil acompanhassem o que estava acontecendo ao redor do mundo, que é por meio de uma linguagem... Então, esse interesse lá em 1800 que trouxe o 1º INES, pra cá.*

*(46)OI2: O português é uma língua falada, uma língua oral né? Já a LIBRAS é uma língua gesto/espacial/visual, né?[...]*

(47)O13: *É a facilidade. Assim... é quando você começa a saber sobre ela... conhecer ela...você percebe que é muito mais fácil. [...] E a facilidade da concordância, da coesão...e antes ... eu achava que a LIBRAS não tinha coesão e coerência ... e depois eu fui ver que não... é isso... a estrutura da língua que é diferente... assim...como qualquer outra língua tem sua estrutura gramatical própria... a LIBRAS tem a dela também.*

(48)O14: *Eu acho interessante... na comunicação, né? A estrutura, questão da estrutura. Como a estrutura da LIBRAS é diferente, ele pega, usa-se ideia central, traz primeiro, pra depois, e a gente vê isso claramente quando há comunicação com os surdos[...].*

As marcas do saber sobre a língua, portanto a prática linguística dos informantes, apontam basicamente, na questão 2, os empréstimos realizados pela LIBRAS e as diferenças estruturais dessa língua, quando comparada ao português ou à outra língua. Quanto aos empréstimos, nos estudos sociolinguísticos, procurou-se entender a diversidade presente nas diferentes realizações linguísticas, considerando, para tanto, os contatos linguísticos que permeiam a formação de uma determinada língua, o que não seria diferente, quando se pensa a formação da Língua Brasileira de Sinais. Nesse sentido, Orden (2014), estudando os empréstimos realizados do espanhol pela língua gĩnĩn a iajĩch<sup>5</sup>, constatou a seguinte situação:

[...] frente a los préstamos calificados como culturales, más establecidos dentro del repertorio y con una recurrencia en las fuentes, aquellos términos que ya tienen un ítem léxico en la lengua receptora muestran una mayor inestabilidad en su integración dentro del sistema del gĩnĩn a iajĩch y que, si bien se observa una mayor incorporación de préstamos nominales en las fuentes del siglo XX, no se evidencia un comportamiento unidireccional de sustitución léxica sino más bien de coexistencia durante un período atestiguado de, aproximadamente, un siglo de contacto (ORDEN, 2014, p. 138).

Ainda sobre a questão dos empréstimos, tal fenômeno ocorre na língua em razão, em algum momento da história da língua em formação, de adoção de uma forma de outra língua com a qual esta mantém contato (HASPELMATH, 2009, p. 35), a exemplo da Língua Brasileira de Sinais com a Língua de Sinais Francesa.

De acordo com Haspelmath (2009), existem dois fatores que provocam o empréstimo linguístico:

---

<sup>5</sup> A língua gĩnĩn a iajĩch é falada pelo grupo étnico Gĩnĩn a Kĩna, caçadores nômades presentes entre os rios Chubut e o Colorado, na Patagônia do Norte.

- Fatores sociais e atitudinais (prestígio da língua dominante e atitudes puristas);
- Fatores gramaticais (por exemplo, a afirmação de que os verbos são mais difíceis de tomar emprestados que os substantivos, já que necessitam mais adaptação gramatical que os substantivos).

No que diz respeito, às diferenças estruturais de língua, nossos informantes enunciam seu saber sobre a língua, visto que, ao comparar a LIBRAS com a Língua Portuguesa, são capazes de “explicitar esse saber até um determinado grau: eles podem dizer quais são os elementos que fazem parte de sua língua e quais são estranhos” (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 94). Assim, mesmo não tendo um conhecimento profundo da LIBRAS, fazem tal reconhecimento a partir de sua própria língua materna, anunciando, de certo modo, uma postura descritiva diante da língua em análise, em que seu saber enuncia situações linguísticas ou formas linguísticas que localizam a língua em questão, como por exemplo, o fato da LIBRAS ser uma língua “gesto/espacial/visual”.

Em 3: *Você acredita que os surdos de outras cidades, que utilizam a LIBRAS, falem igual ou diferente dos surdos de Cáceres?*

*(49)OI1: Algumas coisas são diferentes.*

*(50)OI2:Não, eu não percebo sinais diferentes locais não, pois é o mesmo Estado né? A comunicação acontece normalmente.*

*(51)OI3: Se eu falar pra você que a LIBRAS é universal, aí então eu vou dizer pra você que aí a LIBRAS... não é uma língua, ela vai ser gestos, e não é.... a LIBRAS é uma língua... assim como a língua oral existe variação linguística, a LIBRAS também tem, como qualquer outra língua, a LIBRAS existe variação linguística. A Língua de Sinais Brasileira no Brasil é uma língua, todavia, **ela existe variações dependendo da região que estiver, do estado, da cidade e vai ter.***

*(52)OI4: A comunicação estabelece ... o que tem é **alguns sinais**, isso não é 100% dos sinais são diferentes, a questão da variação linguística, alguns sinais que são diferentes, **mas comunica da mesma forma.***

O fenômeno da variação é reconhecido, em 3, pelos informantes, à exceção de OI2, para quem só existem diferenças, quando os sujeitos são de estados diferentes.

Considerando a extensão territorial de nosso país, é sabido que as variações linguísticas são marca salutar de nossa realidade linguística, o que registra no âmbito dos estudos linguísticos, as variações geográficas, as quais, de modo geral, não são impeditivas para a plena comunicação, como relata nosso informante OI4: *“alguns sinais que são diferentes, mas comunica da mesma forma”*.

Embora o foco deste trabalho sejam as atitudes linguísticas, estudos já atestaram a estreita relação da variação com as atitudes, visto que estas, enquanto forma de um comportamento social ou reação a algo, influenciam a existência ou a implementação das variações linguísticas. Assim, as atitudes dos falantes de uma determinada comunidade podem determinar a permanência ou a extinção de uma determinada variedade linguística em circulação.

Em 4: *Você acredita que as pessoas surdas ricas e as pessoas surdas pobres, que utilizam a LIBRAS, falem da mesma maneira? Comente.*

*(53)OI1: Sim, porque existe diferença. Por causa do ambiente que ele vive, em que ela é criado, é diferente. Do mesmo jeito que uma criança de uma família rica se comunica oralmente de forma diferente, de acordo com que ela ouve. **A criança de família pobre fala gúria, fala palavrão, coisa que a criança de família rica não fala. Então, a mesma coisa acontece com criança surda.***

*(54)OI2: Então a questão em nível social, a realidade que a gente conhece, né? A gente percebe, eu, a língua não é da mesma forma, né?*

*(55)OI3: Diferença de classe social? É normal. **Qualquer outra língua existe isso, nos Surdos existe.***

*(56)OI4: Não, se utilizam a LIBRAS. É como se fosse nós ouvintes, pobre e rico, não tem dificuldade de chegar o pobre ouvinte ...chegar no pobre... no rico ouvinte que fala língua portuguesa, é a mesma coisa.*

Sobre as diferenças entre o modo de falar de sujeitos ricos e pobres, verificamos em 4 que os informantes acreditam na existência de diferenças linguísticas entre eles, à exceção de OI4. Para nossos informantes, as diferenças linguísticas entre sujeitos surdos ricos e pobres

estão atreladas ao nível social dos sujeitos, em especial para OII, que afirma que somente os sujeitos surdos pobres usam gírias, palavrões, quando, na verdade, a gíria é um tipo de variação da língua, portanto um fenômeno linguístico presente em qualquer classe ou nível social. OI3 caracteriza a situação como “normal”. No contexto em pauta, verificamos o registro da variação social quanto à variável classe social cujos reflexos são verificados na produção de preconceito-linguístico-social.

Sobre a gíria<sup>6</sup>, pontuamos aqui algumas percepções sobre ela nos estudos da linguagem, a exemplo de Preti (1984), para quem a gíria é um fenômeno restrito, decorrente da dinâmica social e linguística inerente às línguas. Para o autor, a gíria constitui um vocabulário especial, unidade sígnica de grupo, de natureza secreta, elemento de coesão e identidade de um grupo, símbolo de auto-afirmação.

Em Preti (2006, p. 242), encontramos:

[...] quando se trata da história da gíria, conhecê-la significa penetrar no mundo da marginalidade, na vida dos grupos excluídos da sociedade pela sua própria condição de pobreza ou pelas suas atividades peculiares (não raro ilícitas), os quais buscam com a criação de um vocabulário criptológico uma forma de defesa de suas comunidades restritas. Mas, por outro lado, historicamente, são os mesmos motivos de preservação e segurança que fizeram com que comerciantes ambulantes, mascates, na Idade Média, criassem seus próprios códigos secretos de identificação. E essa gíria da marginalidade e do comércio se mistura também à de um povo surgido na Índia, historicamente discriminado, os ciganos, que, com sua vida nômade, espalharam seu vocabulário em várias áreas da Europa e, posteriormente, da América. (PRETI, 2006, p. 242)

Para Dubois (1973, p. 308), a gíria seria “[...] um dialeto social reduzido ao léxico, de caráter parasita, empregado numa determinada camada da sociedade que se põe em oposição às outras”. Por outro lado, Mattoso Câmara Jr (1986, p. 127-128) pontua que a gíria “coexiste ao lado dos vocábulos comuns da língua”, de modo que “há gírias em classes não só populares, mas também cultas, sem qualquer intenção de chiste e petulância, mas em todas existe uma atitude estilística”. Em aspecto geral, a gíria é “o conjunto de termos que, provenientes das diversas gírias em sentido estrito, se generalizam e assinalam o estilo na linguagem coloquial popular”.

No “*Dicionário de Linguagem e Linguística*”, Trask (2004, p. 124-125) assinala que a gíria é:

[...] uma forma linguística informal e freqüentemente efêmera. [...] as expressões de gíria costumam ser introduzidas por membros de um grupo social particular; podem continuar sendo típicas desse grupo e servir como uma de suas marcas de identidade

<sup>6</sup> Para maiores detalhes sobre o assunto, veja: Valadares, 2011.

ou, ao contrário, tornar-se mais amplamente conhecidas e usadas. [...] tem sido descrita como língua em estado de jogo, isto é, as melhores gírias são pitorescas, exuberantes, espirituosas e fáceis de lembrar.

Nos dias atuais, com a propagação linguística desse fenômeno por parte da mídia, a gíria possui outros contornos, de modo que Preti (2006, p. 248) faz as seguintes observações sobre o fenômeno:

[...] a atenuação do preconceito contra os vocábulos gírios, em nossa época, deve-se mais diretamente ao seu largo uso na mídia jornalística ou nos escritores modernos. [...] a gíria se incorporou a algumas variedades de registros e dialetos sociais, podendo-se, hoje, à luz das teorias, justificá-la plenamente, até na conversação e nos escritos de falantes cultos. [...] sua crescente aceitação dentro da cultura de massa e seu ingresso na norma linguística da mídia, nos casos de vocábulos que já perderam sua significação secreta de grupo, misturando-se à linguagem comum, favoreceu decisivamente a atenuação do preconceito (PRETI, 2006, p. 248).

Dito de outro modo, “[...] ao vulgarizar-se para a grande comunidade assumindo a forma de uma gíria comum, de uso geral e não diferenciado, a gíria perde-se dentro dos amplos limites de um dialeto social popular, deixando de ser signo grupal” (PRETI, 1984, p.3).

Em 5: *Entre a fala do surdo mais novo e do de surdo mais velho você acredita que há diferenças? Quais?*

*(57)OII: Muita! Tem! Porque igual no português existem arcaísmo, palavras que vão parando de ser usadas, e existem os neologismos, são a linguagem atual, hoje a gente pode citar como exemplo a linguagem da internet, das redes sócias, então a mesma coisa acontece com a língua de sinais, né? Os surdos jovem, ele vai usar os sinais para LIBRAS, diferente do sinal de (LIBRAS) que a gente conhece, (a gente conhece assim ... e agora usam assim...). Então assim, existe muita diferença, de um surdo jovem, de um surdo criança, a mesma coisa, eles fazem sinais diferente.*

*(58)OI2: Sem dúvida. Isso é visto claramente.*

*(59)OI3: Depende do nível de conhecimento da LBS. Se a criança não tem o contato com a LIBRAS e ta começando a aprender a LIBRAS, você vê a dificuldade na língua, na comunicação. Agora se ele já tem uma comunicação, você vai ver a diferença no uso dos classificadores, usos dos sinais, das configurações.... Já um adulto que não tem conhecimento da LIBRAS, você vai*

*perceber que ele tem a mesma dificuldade do aluno que ta começando.*

*(60)OI4: A fala? (...) uma mais velha? Mas as duas usando Língua de Sinais?? Conhecedora da LIBRAS? Uma jovem e outra muito velha?? Mas as duas conhecedoras da LIBRAS? (...) Não. Se as duas forem conhecedora da LIBRAS.*

Sobre a questão 5, chamamos a atenção para OI4, que acredita que, em uma situação em que os dois falantes surdos são conhecedores de LIBRAS, não existem diferenças entre o modo de falar de um sujeito jovem e um adulto. Por outro lado, os demais informantes atestam a existência dessa diferença, afinal a variação social é uma realidade linguística constatada por suas variáveis, as quais marcam a identidade do falante, logo, o fato de sujeitos surdos usarem gíria é marca lexical particular de sua faixa etária, conforme pontua Alkmim (2003), em que a variável idade pode refletir algumas situações, como identificadas na seqüência:

- O uso de léxico particular, como presente em certas gírias (“maneiro”, “esperto”, com sentido de avaliação positiva sobre coisas, pessoas e situações), denota faixa etária jovem;
- Uso do pronome tu em situações de interação entre iguais no Rio de Janeiro, como em “tu viu só?”, também sugere que os falantes são jovens;
- A pronúncia fechada da vogal tônica posterior da palavra “senhora” [...] é característica de alguns falantes mais velhos. (ALKMIM, 2003, p. 36).
- 

Em 6: *Em qualquer situação você fala/usa a LIBRAS do mesmo jeito?*

*(61)OI1: Não! Quando eu tô na escola vou interpretar uma aula de biologia, de geografia, né? Eu preciso usar a datilologia, pra descrever algo, pra depois dar o termo, quando eu tô em uma conversa informal com meu aluno da sala de aula é diferente, a expressão facial é diferente, ou em casa ou nas reuniões. Nas reuniões a gente tá falando de termos bíblicos, expressões como Jerusalém, discernimento, conhecimento, né? Consciência, expressões que eu não uso na escola.... então são linguagens diferentes.*

*(62)OI2: Apesar de cada um ter a sua personalidade, a gente se comporta de forma diferente.*

*(63)OI3: Não!!! Nós temos a língua oral ... formal e informal, assim também é na*



*LIBRAS, tem momentos que vai usar a língua formal e tem momentos que vai usar a língua informal. **Depende do lugar que você estiver...** às vezes... você pode falar com mais habilidade, você consegue se expressar melhor, porque o Surdo ali já tem o conhecimento e tal. Você consegue se soltar.*

*(64)O14:Nãoo!! Não, no sentido assim, eu falo a LIBRAS do mesmo jeito, né? Mas assim... mas dentro da escola, às vezes, tem uma postura... [...]tô ali com meus colegas surdos, temos agora um professor surdo, que a gente vai pra sala dos professores, pra bater papo, pra rir, nós só falamos LIBRAS, não é com tanta formalidade, como se eu tivesse aqui na sala em uma reunião. É nesse sentido, né? Mas a LIBRAS acontece aqui e acontece lá da mesma forma.*

As atitudes linguísticas determinam o comportamento linguístico do falante, que avalia não apenas seu interlocutor, mas também a situação comunicativa. Nesse sentido, nossos informantes são unânimes em afirmar a necessidade de se adequarem à situação e ao falante com o qual se comunicam, conforme observamos nos discursos realizados, ou seja, o lugar e o sujeito determinam o modo como o uso da LIBRAS será utilizado, ou seja, se formal, se informal. Logo,

Os indivíduos que integram uma comunidade precisam saber quando devem mudar de uma variedade para outra [...] os falantes aprendem quando podem falar e quando devem permanecer em silêncio, se podem utilizar a forma imperativa para dar uma ordem ou se devem se valer de uma expressão modalizada (ALKMIM, 2003, p. 37-38).

*Em 7: Você acha que falar a LIBRAS diferente é falar errado?*

*(65)O11: Não! É a mesma coisa que é feita no estudo do português, se existe a comunicação, se é transmitido uma informação, não é errado.*

*(66)O12: Não. Não de forma alguma.*

*(67)O13: Olha... Assim, acontece na LIBRAS, o Surdo que não tem muito conhecimento é... ele tá ali aprendendo ... e ... e vamos dizer... os gestos só que ele conhece... as vezes não é nem sinal, são gestos que ele aprendeu...que é conhecido como sinais emergentes, aqueles sinais aprendidos entre família.... o que acontece? Ele tá errado? Não!! Eu tenho que respeitar, perguntar o que significa, e falar para ele... oh... na LIBRAS, explicar pra ele que na LIBRAS esse sinal é*

*usado assim, mas que com a família você pode usar de outra forma, quando você for conversar com outro Surdo você pode usar.. que é LIBRAS. Você tem que ter cautela com eles, não ficar desmerecendo e falando o tempo todo.... que está errado.*

**(68)O14:** *A variação linguística? A variação linguística não quer dizer que tá falando errado. Não.*

Na questão 7, duas situações são observadas: a existência da variação, a qual não é um erro, mas uma realidade que perpassa qualquer situação comunicativa, e a necessidade de não se discriminar o sujeito surdo, de modo a incluí-lo no processo de comunicação. Quanto à questão da variação, ressaltamos a consciência linguística positiva de nossos informantes, ao atestarem que não existe certo ou errado, mas a garantia de comunicação efetiva e eficiente, independente da variedade linguística utilizada para tal fim.

Como situação é definida por Fishman (1972) como: “coocorrência de dois (ou mais) interlocutores mutuamente relacionados de uma maneira determinada, comunicando sobre um determinado tópico, num contexto determinado”, situações distintas de comunicação requerem a aplicação de variedades linguísticas também distintas, conforme as expectativas sociais convencionais, caso contrário, o falante pode sofrer sanções quando não atende a tais expectativas (ALKMIM, 2003, p. 37).

Em 8: *Para você existe algum tipo de diferença em relação ao desenvolvimento linguístico de um aluno surdo que aprende a LIBRAS como língua materna e aquele aluno surdo que aprende primeiro o português? Comente.*

**(69)O11:** *Totalmente diferente. É totalmente diferente, quando ele chega na sala de aula ele vai ter contato com os que sinais e vai descobrir que aquilo faz um sentido, que aquilo é uma língua. Agora, a criança que já teve contato em casa chega com essa parte pronta. Ele já sabe que é uma língua, que é um idioma completo. Então, é diferente*

**(70)O12:** *Sinceramente ainda não vivenciei isso (risos). Até mesmo porque os surdos que eu conheço não conhecem bem ainda o português, e ainda estão aprendendo LIBRAS.*

*(71)OI3: Muito grande!!! O aluno que aprende primeiro sua língua materna, ele terá grande facilidade de aprender a escrita da Língua Portuguesa ou de outra que lhe foi ensinada, porque ele aprendendo sua língua materna, a língua natural, ele vai assimilar para conseguir a escrita de outra língua, e assim, também acontece com o ouvinte quando ele vai aprender uma escrita, que ele não tem contato com aquilo dali, assim, também vai ser o Surdo.*

*(72)OI4: Nossa!!! Demais. Demais. Porque quando o aluno surdo, ele tem na sua família já essa comunicação, ele vem pra escola com um conhecimento assim... de mundo... muito maior que aquele aluno surdo que só tem contato com a LIBRAS quando ele chega na escola. O conhecimento de mundo dessa pessoa que já teve acesso a Língua de Sinais é muito maior do que... o desenvolvimento linguístico é maior...muito... muito....ok?*

No contato linguístico entre a LIBRAS e a Língua Portuguesa, as avaliações de nossos informantes acerca da LIBRAS resalta esta língua como um elemento facilitador para o aprendizado do português, caracterizando-se aqui uma situação de bilingüismo, em que a LIBRAS influencia no aprendizado da Língua Portuguesa, provavelmente, pelo processo de adaptação linguística, dada a natureza gesto-espaco-visual da LIBRAS. Infelizmente para dirimir as influências da LIBRAS no ensino-aprendizado da Língua Portuguesa, teríamos que realizar uma investigação voltada para esse foco, o que não é nosso caso. De todo modo, essa é uma questão que se coloca para investigações futuras, uma vez que o bilingüismo também se relaciona intimamente com as questões estudadas no tema atitudes linguísticas, no que diz respeito à interferência de uma língua na outra, dos empréstimos realizados por uma determinada língua, entre outros fatores.

Diante de situações como a pontuada em 8, Bigonjal-Braggio (1998, p. 160-161) afirma que “[...] comunidades que utilizam duas línguas no seu cotidiano, não só mudam de código no seu discurso, como emprestam de uma língua para outra por razões linguísticas e extralinguísticas”. Para a questão aqui levantada, isto é, do contato da LIBRAS e do português, registramos as palavras de Ferreira-Brito:

[...] o léxico da LIBRAS, assim como o léxico de qualquer língua, é infinito no sentido de que sempre comporta a geração de novas palavras. (...) Por exemplo, a LIBRAS não tinha um sinal para o conceito “linguística” até há poucos anos. À medida que os surdos foram se inteirando do que se faz em linguística, do que significa linguística, houve a necessidade de se gerar um sinal para esse conceito. O sinal LINGUÍSTICA não é a soletração da palavra em português, porém tem um vestígio de empréstimo porque a configuração de mão escolhida é L (apenas os

dedos polegar e indicador estendidos), uma configuração própria da LIBRAS que costuma representar a letra “L” no alfabeto manual. Este sinal é realizado com as duas mãos, palmas para baixo com o polegar de uma mão quase tocando o da outra, na frente do busto, fazendo os movimentos de rotação positiva e de translação retilínea para os lados. (FERREIRA-BRITO, 1998, p.30.)

Em 9: *Você acha o Português uma língua fácil ou difícil para ser ensinada a uma pessoa surda?*

(73)O11:*Difícilima! Risos... uma das mais difíceis que tem. Porque o português, ele tem muitos sinônimos pra um único significado. Então, você ensina uma palavra pro surdo quando ele vê aquele significado em outra palavra, ele não sabe o que é. Ou em outro contexto ele não sabe o que é... Ele vê lá trabalho a gente fala esse é o sinal de trabalho, mas aí em outro texto vê serviço, você faz o mesmo sinal, no outro texto ele vê emprego, você faz o mesmo sinal. Então, é difícil.*

(74)O12: *Difícil. Até mesmo para nós ouvintes de português. Muito difícil.*

(75)O13: *É muito difícil demais... é muito difícil mesmo. Então pra ele aprender a escrita de uma outra língua e que é uma outra estrutura gramatical... gente... é muito difícil.... Ele sabe a língua dele, mas na hora de escrever em uma outra estrutura, isso daí dá uma confusão tão grande... isso é tão ruim, e as metodologias não são adequadas... dá uma confusão tão grande na cabeça dessas criança, **aí chamam eles de burro**, desculpa... mas burro é quem está tentando achar que isso é fácil.*

(76)O14: *É ... eu acho difícil! Eu acho difícil. Por causa do som, eu não sei, pra mim, eu... a impressão... que a relação ... com a escrita tem muita relação com o som. Às vezes eu tenho dificuldade de escrever uma palavra, falo a palavra, pra ver qual o som que vai ter, pra eu escrever [...].*

O mito de que “português é difícil” se repete nos discursos dos ouvintes intérpretes, situação que é, segundo Bagno (2003, p. 39), “[...] um dos instrumentos de manutenção do *status quo* das classes sociais privilegiadas”. Além disso, tal situação coloca em pauta o discurso público sobre a língua, sob a forma de estereótipos do tipo “português é difícil”, ou na forma de preconceito linguístico-social como “Até mesmo para nós ouvintes de português”. Tal situação ratifica as respostas dos informantes gestores para essa mesma questão.

Em 10: *Como você analisa a reação das pessoas ouvintes, que não conhecem a LIBRAS, ao terem um primeiro contato com ela? Como e o que pensam sobre essa língua?*

(77)O11: *Ah, a reação que eu mais vejo, é a reação de encantamento. Isso até emociona, porque, infelizmente, o surdo pelo fato dele não se comunicar oralmente, as pessoas chegam a pensar que ele não pensa, não raciocina, que ele não faz uma leitura de mundo, né? É, então a reação que eu mais vejo é de encantamento, de emoção, de se surpreender...*

(78)O12: *Geralmente acham tudo bonitinho. As pessoas que me vê falam: Nossa! Está tudo muito lindo, é muito bonito isso né? E é aquilo que eu disse né? Acredita que é simples, que é somente o alfabeto e a pessoa surda já sabe.*

(79)O13: *Eu tenho experiências negativas e positivas. [...] E as positivas são que eles ficam perplexos, maravilhadas, eu fiquei maravilhada com a posição de uma pessoa a me ver conversando com uma pessoa surda. Ao contrário de outras pessoas que dizem: “eu não entendo nada que esse povo fala... parece um bando de bobo, que usa gestos... falando com as mãos, não sabe nem o que tá falando, esse tanto de gestos, parecendo bobo.*

(80)O14: *Sim, é de curiosidade, de espanto... Que todos aqueles sinais é uma língua, é uma comunicação, estabelecendo uma comunicação, [...] eu acho que nem é tanto referente a LIBRAS, é negativa referente ao sujeito surdo mesmo... é de achar que o Surdo, é o Surdo, que ele não avança, que ele não raciocina, isso, acho que nem é questão da língua, da língua ele tem o conhecimento, mas ele tem o preconceito muito grande com o sujeito surdo.*

Sobre a reação das pessoas em seu primeiro contato com a LIBRAS, nossos informantes afirmam que as pessoas reagem com “encantamento”, acham “bonitinho”, tem “curiosidade” ou “espanto”. Ressaltamos nessa questão a expressão “bonitinho”, apontada por O12, cujo sentido veiculado socialmente traduz o inverso do que se procura dizer, ou seja, “bonitinho é o feio arrumado”, o que denuncia marca de sentido pejorativa, logo, quando alguém diz que acha a LIBRAS tudo bonitinho, é preciso ter cautela nesse tipo de comportamento, o qual pode camuflar algum tipo de rejeição.

Em 11: *Você enxerga algum tipo de preconceito linguístico, por parte das pessoas ouvintes quanto ao uso ou ao ensino de LIBRAS enquanto língua dos Surdos? Pode dar exemplos?*

(81)O11: **Sim!!!** É, o preconceito às vezes ele pode vir de várias formas, por exemplo, um surdo que sabe sinais ele tem preconceito com aquele surdo da mesma idade dele que tá aprendendo sinais agora. Às vezes, você tem que parar e explicar, ele não aprendeu, ele morava na fazenda, ele não sabia. Surdo tem preconceito com surdo que não sabe sinal, e às vezes, isso é o que mais me dói, eu já tive o desprazer de trabalhar com profissional assim, ele era um professor universitário, um grande estudioso da LIBRAS, mas aí ele chegou na cidade, aí ele teve coragem, tinha 02 surdos conversando, de chamar o surdo e falar - esse sinal que você fez tá errado, o surdo se sentiu profundamente ofendido. Ele falou: eu sou surdo, meu amigo é surdo, ele entendeu o que eu falei. Ele é ouvinte. Então se lá na faculdade ele usa outro sinal é outra coisa- pra mim pra ele tá certo. É então a gente vê mesmo vários tipos de preconceito.

(82)O12: Uma coisa negativa, né? **É lógico.** E citando exemplo de um aluno um único aluno surdo em uma escola de quinhentos alunos e ele sendo o único surdo dentro de uma sala de aula, a comunicação é muito receptiva e usava a língua para se comunicar com todos os professores da escola tranquilamente, mas diante de uma palestra todos estavam chamando a atenção e ele não aceitava e dizia: Eu sou o único surdo e ele se achava excluído, né? Diante da multidão alguns marginalizam a LIBRAS, a banalizam e eu perco a classe nessa hora.

(83)O13: É como eu disse naquela outra pergunta... têm-se experiências positivas e negativas. **Tem pessoas que tem o preconceito.**

(84)O14:Então... eu vou voltar antes... eu acho que não é nem na questão da LIBRAS em si... **acho que há um preconceito com o sujeito surdo, de achar... preconceito social [...]** Então assim... **o preconceito está enraizado no fato dele ser surdo.**

A questão do preconceito abordado na pergunta 11 ratifica não só os estereótipos que se veiculam na sociedade acerca de uma língua, mas principalmente o preconceito linguístico-social, pois o que se julga não é a língua, mas o sujeito surdo, conforme aponta O14 em: “acho que há um preconceito com o sujeito surdo [...] o preconceito está enraizado no fato dele ser

surdo”. Há aqui uma questão histórica enraizada na nossa cultura e também nas nossas reações sociais. Um exemplo disso são os julgamentos que se fazem de falantes oriundos de algumas regiões do nordeste, atitudes depreciativas, como aponta Alves (1979) na sua pesquisa com nordestinos em São Paulo, contexto em que a autora observou que ora os nordestinos avaliam positivamente o próprio falar, quando este está relacionado a sujeitos bem sucedidos profissional e financeiramente, ora supervalorizam o falar paulista, atitude oriunda do mito do *Eldorado brasileiro* que se tem em relação à São Paulo.

Em 12: *Você conhece alguma pessoa ouvinte e outra pessoa surda, aqui de Cáceres, que utilize a LIBRAS e que já tenha recebido algum elogio pelo seu modo de comunicar-se com os Surdos? Ou que sua maneira de falar tenha sido discriminada? Comente.*

(85)O11: *Já! Conheço! Aqui em Cáceres, nesses 03 anos que eu moro aqui eu tive o privilégio de ver adolescentes de 14, 15 anos aprendendo a LIBRAS pra ensinar a bíblia pros surdos. E hoje eles se comunicam de forma excelente na LIBRAS. Então... eu já vi surdos elogiar eles, e já vi ouvintes elogiar ele, como que fulano se comunica com os surdos com tanta habilidade, com tanta facilidade as expressões faciais são bem naturais. Né? Então, eu já vi elogios assim. Muito positiva! Aqui em Cáceres o conceito é bem aberto pra L. Sinais.*

(86)O12: *Sim, as pessoas assustam, né? Quando dizem: Vi uma professora surda dando palestra. Vi um surdo dirigindo. Mas para nós é normal, temos exemplos de alunos nossos que hoje são fisioterapeutas e tem gente que ainda acha que eles não são capazes de nada. Tem surdo que é professor na Universidade, ele é nosso orgulho.*

(87)O13: *eu não recebi nenhuma crítica, ainda, né? Eu falo pela minha família, pelos meus amigos, que quando falam qualquer coisinha ... em LIBRAS, lembram de mim, vê um vídeo lembram de mim, a todo momento quando falam... LIBRAS... lembram de mim. O tempo todo eu vejo no semblante deles, na forma deles falarem, eles acham lindo, mas acham difícil. "... é só pra você... eu não dou conta não...".*

(88)O14: *Eu conheço Surdos, que comunicam muito bem com a Língua de Sinais, e assim.... eu mesmo sou número um de elogiar, de ficar babando... entre eles acho que não. Entre eles e eles... não... não tem .... não. Eu acho que é mais positiva, eu vejo que é mais positiva, porque quando eu digo assim é.... eles não enxergam a*

*LIBRAS, enxergam o sujeito surdo, mas é questão de pontuar, você já percebeu alguém fazendo?... é pontual, eu vejo que .. a LIBRAS, tem despertado assim, um olhar... nossa ela existe... que ela é possível, é a comunicação entre surdos e surdos...né???*

Se as pessoas se assustam em relação à capacidade cognitiva e intelectual do sujeito surdo, como aponta OI2, isso se deve, ainda, à estigmatização deste sujeito, assim como se tem acerca do sujeito mentalmente desequilibrado, socialmente falando. Ou seja, não é a língua, mas o sujeito que se julga. OI1, OI3 e OI4 apresentam situações de avaliações positivas quanto ao desempenho linguístico do sujeito surdo.

Na seqüência, apresentamos as atitudes linguísticas manifestadas pelos sujeitos surdos.

### 4.3 Os Sujeitos Surdos

As entrevistas realizadas com os sujeitos surdos somaram um total de quatro entrevistados, os quais, durante o processo de coleta de dados, demonstraram-se um tanto introspectivos, posto que, ou não responderam a algumas questões, ou foram bem sucintos em outras, o que talvez se deva ao fato da escassez de pesquisas e estudos com estes sujeitos no contexto abordado por este estudo. Passemos às respostas dadas por eles:

Em 1: *Na Comunidade Surda que você faz parte é preciso escolher um jeito diferente para se comunicar com cada pessoa surda, ou não?*

*(89)SS1: Não respondeu.*

*(90)SS2: Sempre igual, **normal**, sempre igual.*

*(91)SS3: não respondeu...*

*(92)SS4: **Normal**. A gente conversa comunica igual. Falta, falta muita paciência, demora aprender, calma, ela vai desenvolver as palavras, vai desenvolver aos poucos então, **tudo é diferente, no Brasil é diferente. LIBRAS é diferente**. Eu conheço vários lugares diferentes. Ex: Amigos, vários lugares, namorados de lugares diferentes, se unem e **a gente percebe que a LIBRAS é diferente**.*



Quando perguntamos aos nossos informantes sobre a necessidade de se aplicar um jeito diferente no modo de falar em LIBRAS dentro de sua comunidade, pudemos observar, apesar de SS1 e SS3 não responderem à pergunta, que SS2 e SS4 avaliam o modo de falar como “normal”. Para SS2, além de normal, tudo é sempre igual na sua comunidade. Já SS4 reconhece diferenças na LIBRAS, provavelmente se referindo ao modo de falar LIBRAS em outras regiões do país, já que relata que conhece vários lugares, o que o leva a reconhecer as variações linguísticas geográficas.

Categorizar um modo de falar como “normal” é acionar um discurso público sobre a língua, uma vez que tal discurso

[...] contém principalmente avaliações, isto é, julgamentos sobre “bonito” e “feio”, “bom” e “ruim”, “eficiente” etc. Mas também contém elementos do saber, como por exemplo, sobre a distribuição de línguas no tempo e no espaço [...], sobre as situações e tipos de textos, para os quais uma ou outra língua (ou forma linguística) é adequada (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 95).

Em 2: *Como você analisa a reação das pessoas ouvintes, que não conhecem a LIBRAS, ao terem um primeiro contato com ela? Como e o que pensam sobre essa língua?*

(93)SS1:[...] eu olho se eu conheço para falar “oi”; eu cumprimento. Se eu falo “oi” e a pessoa não sabe LIBRAS eu vou conversar com quem sabe LIBRAS, meus amigos.

(94)SS2:Primeiro, eu vejo que as pessoas todas ficam **olhando** os surdos, nossa. E não conhecem LIBRAS, né? E elas ficam assim olhando, aí eu pergunto, conhece LIBRAS, conhecem algum surdo? [...] mas depois a gente encontra surdos, formam grupos de surdos, vamos conversar e **os ouvintes ficam todos olhando**. [...] Eles querem aprender LIBRAS. Eles ficam **curiosos**.

(95)SS3:[...] aí quando se encontra o ouvinte, fala, fala, fala e o surdo não entende nada. Surdo não entende, esse contato difícil. **Aí Surdo encontra Surdo, aí sim, igual, aí tudo entende, fala LIBRAS.**

(96)SS4:Aqui em Cuiabá olham LIBRAS, percebem, **acham difícil. Eu percebo...** as palavras aqui não entendem, falam... desculpa, desculpa é difícil. Não entendem [...].

Verificamos que, na pergunta 2, SS1 se auto exclui da interação comunicativa com um sujeito que não conheça LIBRAS, o que nos leva a pensar se esta exclusão social se deve a preconceitos enraizados ao longo da história. Parece que este informante julga sua língua e assume uma atitude de restrição dela apenas àqueles que a conhecem. SS2, ao dizer que as pessoas ficam “olhando”, não deixa claro, num primeiro momento, se esta reação é positiva ou negativa, mas, na seqüência, aponta que as pessoas ficam curiosas e sentem vontade de aprender a LIBRAS, depois que há interação com os sujeitos surdos. Para SS3, como a língua do ouvinte é diferente da sua, ele acha difícil a comunicação, o que retrata, na verdade, aqui, a própria reação negativa do sujeito surdo ao julgar seu contato linguístico com um falante de outra língua. SS4 acredita que as pessoas acham difícil a LIBRAS, ou seja, ele percebe.

De acordo com Moreno Fernández (1998), existe relação entre língua e identidade, a qual se manifesta nas atitudes dos indivíduos em relação às línguas com as quais têm contato e em relação aos seus usuários, o que nos leva a compreender as atitudes tanto de ouvintes quanto de surdos nas suas interações linguísticas, já que os surdos e também os ouvintes acreditam ser difícil a língua um do outro.

Em Aguilera (2008b), também encontramos a ratificação da idéia exposta:

Um traço definidor da identidade do grupo (etnia, povo) é a variedade linguística assumida e, desse modo, qualquer atitude em relação aos grupos com determinada identidade pode, na realidade, ser uma reação às variedades usadas por esse grupo ou aos indivíduos usuários dessa variedade, uma vez que normas e marcas culturais dos falantes se transmitem ou se sedimentam por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo (AGUILERA, 2008b, p. 106).

Segundo a autora, “[...] na maioria das vezes, ao caracterizar um grupo ao qual não pertence, a tendência é o usuário fazê-lo de forma subjetiva, procurando preservar o sentimento de comunidade partilhado e classificando o outro como diferente” (AGUILERA 2008b, p. 106), ou mesmo difícil, conforme alguns informantes atestaram em seus discursos, visto que, de modo geral, as pessoas apresentam uma atitude integradora em relação à sua língua materna, de modo a se identificarem com os falantes de sua língua e preservarem essa identificação, conforme: *“eu vou conversar com quem sabe LIBRAS”*; *“Aí Surdo encontra Surdo, aí sim, igual, aí tudo entende, fala LIBRAS”*.

Em 3: Você conhece algum surdo que tenha como língua materna a LIBRAS?

(97)SS1: Não, desde o nascimento, não. Só depois que cresceu que aprendeu.

(98)SS2: Não conheço.

*(99)SS3: Não. Não conheço não.*

*(100)SS4: Não conheço. Depois que crescem ensina LIBRAS, que tem intérprete. Surdo criança não aprende LIBRAS, a palavra ... nada.*

A unanimidade marca o contexto da pergunta 3, visto que, de acordo com nossos informantes, os surdos aprendem LIBRAS apenas depois de adulto, mais especificamente no contexto escolar. Apesar de a LIBRAS ser a marca de identidade de sujeitos surdos, conforme destacamos a questão anteriormente sobre a relação entre língua e identidade, a realidade brasileira ainda parece estar longe de atingir essa prática social, já que a LIBRAS só foi reconhecida como língua materna dos surdos apenas no ano de 2002, pela lei 10.436/02 e regulamentada pelo Decreto 5.626/2005.

A situação aqui representada tem raízes históricas, visto que:

[...] a maioria esmagadora dos surdos não traz uma tradição cultural de seus berços, isto é, da família, que parece consistir, em nosso mundo ocidental, a instituição primordial de fomento cultural do indivíduo. Apenas cerca de cinco, de cada cem surdos, pertencem a famílias de pais surdos. O corolário dessa situação é que os surdos não são vistos pela sociedade majoritária ouvinte como outro exatamente. Para o senso comum, os surdos são ouvintes deficientes, isto é, uma manifestação patológica, ou desviante, do padrão social hegemônico de normalidade (LEITE, 2008, p. 4).

Leite (2008) também pontua outras questões que marcam a realidade linguística da língua materna dos surdos:

[...] os surdos nascem imersos na cultura majoritária e, com o contato tardio com a comunidade surda e o aprendizado da língua de sinais, movem-se (ou tendem a mover-se) do “centro” cultural ouvinte em direção à “periferia”. No que diz respeito à luta pela emancipação social, as minorias imigrantes lutam para receber igual consideração e, desse modo, serem respeitadas em sua diferença; os surdos lutam primeiro para serem reconhecidos como diferentes, para somente então, alcançarem a consideração e o respeito que lhes é devido (LEITE, 2008, p. 6).

Em 4: Para você qual é a importância da utilização da LIBRAS como língua materna para os Surdos?

*(101)SS1: Muito importante!*

*(102)SS2: Primeiro português, segundo LIBRAS, depois só LIBRAS.*

*(103)SS3: sim, sim, sim.*

*(104)SS4: Em Cuiabá, ouvinte, professor me ensinou LIBRAS. A primeira língua que eu aprendi foi o intérprete que me ensinou LIBRAS. Depois, o intérprete me ensinou, o segundo, o português. LIBRAS é muito mais importante, depois o português.*

Avaliar a própria língua materna é colocar em ação a prática linguística do falante, de modo que os sujeitos surdos, a exceção de SS2, acreditam na relevância de se aprender, primeiramente, a LIBRAS como língua materna deles, pois tal situação representa um facilitador para aprender o português, por exemplo, depois. Nesse sentido, é preciso considerar as atitudes que os surdos têm diante da própria língua e da língua de um grupo majoritário, já que as atitudes se constituem no processo de socialização, de modo que são, antes de tudo, características do grupo que do indivíduo, bem como apresentam uma dupla função: possibilitam uma visão simplificada da realidade e contribuem para a formação da identidade individual e social (PUOLTATO, 2006). Dito de outro modo:

As atitudes linguísticas representam, assim, um componente fundamental da identidade linguística do falante e oferecem uma chave de leitura e compreensão do próprio comportamento linguístico. No âmbito das atitudes de forma geral, as atitudes linguísticas constituem uma categoria particular, uma vez que seu objeto não são as línguas, mas os grupos que a falam (CORBARI, 2013, p. 66).

Em 5: Você acredita que os surdos de outras cidades, que utilizam a LIBRAS, falem de outra maneira dos surdos de Cáceres?

*(105)SSI: Não responde á pergunta!*

*(106)SS2: As línguas são diferentes, a comunicação é diferente. Bem diferente, Estado, País, tudo diferente.*

*(107)SS3: Diferente sim, difícil comunicação, porque um vai saber LIBRAS vai saber mais. E o outro entender menos, vai ser mais simples, um vai falar mais, mais difícil, vai saber mesmo.*

*(108)SS4: Aqui é igual. No país, não. É diferente, os sinais são diferentes. Não, no sul é diferente, a gente vê na internet, vários sinais diferentes, nos estados são diferentes.*

A existência de variação na língua é registrada nas respostas de SS2 e SS4. Assim, SS2 reconhece as variações regionais, entretanto SS4 afirma que esta variação não existe em LIBRAS no contexto cacerense, pois diz “*Aqui é igual*”. Para SS3, as diferenças residem no nível de conhecimento que cada falante tem da LIBRAS.

Retomando o apontamento de SS4, queremos ressaltar que este falante tem consciência da variação regional, mas a descarta para o contexto de Cáceres. Talvez tal atitude esteja relacionada aos rótulos que costumeiramente são atribuídos à variação diatópica, conforme assinala Mota (1994):

A consciência de variações diatópicas e a impressão que tais variações causam nos falantes de outras áreas linguísticas integram-se no saber geral de qualquer pessoa alfabetizada ou não, e expressões como ‘fala incompreensível’, ‘fala agradável’, ‘fala musical’, ‘fala mole’, etc., são freqüentemente ouvidas quando se apresentam situações de contato entre variedades linguísticas geograficamente diversas (MOTA, 1994, p. 155)

Em 6: Você acredita que as pessoas surdas ricas/pobres, que utilizam a LIBRAS, falem da mesma maneira? Comente.

*(109)SS1: Surdo pobre? Rico? Igual não, o surdo rico mais a LIBRAS, é surdo pobre menos LIBRAS.*

*(110)SS2: Diferentes. Diferente.... Ex: igual eu, eu fiz faculdade, ensino, comunico mais, eu ajudo os outros que estão no nível inferior. Não preconceito. Não pode. Tem que respeitar.*

*(111)SS3: Diferente sim, difícil comunicação, porque um vai saber LIBRAS vai saber mais. E o outro entender menos, vai ser mais simples, um vai falar mais, mais difícil, vai saber mesmo.*

*(112)SS4: Espera aí... a pessoa mais rica sabe mais LIBRAS e a pessoa mais pobre a LIBRAS é mais simples.*

Os discursos proferidos na pergunta 6 reforçam atitudes preconceituosas de que o rico sabe mais que o pobre. SS2, apesar de marcar que não tem preconceito com os iniciados em LIBRAS, profere: “*eu ajudo os outros que estão no nível inferior*”. Como se observa, SS2 age como se as pessoas com menos instrução ou em “nível inferior” se comunicassem diferente do rico, em razão de seu lugar socioeconômico.

Em 7: Entre a fala do surdo mais novo e mais velho você acredita que existe diferenças? Comente.

*(113)SS1: não respondeu!*

*(114)SS2: Pouquinho diferente. Não, a comunicação não é igual, a da criança é mais simples, e vai crescendo, vai melhorando com a idade.*

*(115)SS3: A pessoa de idade sabe, sabe mais, e a criança, a LIBRAS é mais simples. No futuro, ele vai conhecer mais.*

*(116)SS4: Não tem. A criança aprende brincando, vai entendendo, porque a criança vai entendendo, aí ela vai crescendo tendo contato com LIBRAS. Antes no grupo eu participava com pouquinho LIBRAS, depois eu fui aprendendo as palavras com outro grupo melhor de LIBRAS e fui mudando, fui aprendendo palavras novas, com o grupo fui evoluindo, mudando. E vários lugares os sinais são diferentes, eu fui aprendendo fui mudando.*

Queremos chamar atenção aqui para a resposta de SS4, na pergunta 7, já que este informante afirma, primeiramente, que não existem diferenças entre o modo de falar da pessoa mais nova e a mais velha, mas se contradiz, ao explicar sua trajetória de aprendizagem na LIBRAS, já que no começo sabia pouco e depois foi aprendendo palavras novas, o que retrata alteração no seu conhecimento linguístico, em que este reflete seu modo de falar mais ou menos aprimorado em relação à LIBRAS. Os demais informantes relatam que existem diferenças no modo de falar entre o sujeito surdo mais novo e o mais velho.

Em 8: Em qualquer situação você fala/usa a LIBRAS do mesmo jeito?

*(117)SS1: Eu não tenho a LIBRAS formal. Só estudo a LIBRAS informal.*

*(118)SS2: - Normal. Não sabe a palavra, mas tem comunicação. Memoriza, aprende, conhece, aí tem o dicionário para tirar dúvidas.*

(119)SS3:*Não, são diferentes. [...] eu entendo que é diferente, normal.*

(120)SS4:*Cada lugar é diferente. Então a LIBRAS é diferente[...].*

A variação é parte constitutiva de toda e qualquer língua, logo ela também se faz presente na LIBRAS e na consciência linguística de seus falantes, os quais reconhecem a necessidade de adaptação da fala às diferentes situações comunicativas, conforme apontam SS1, SS3 e SS4, enquanto SS2 não esclareceu o que classifica como normal, mas, reconhece a necessidade de nos adaptarmos às situações, quando não conhecemos alguma palavra. Quando SS1 diz que “Só estudo a LIBRAS informal”, este sujeito deixa subentendido que existem outras variedades linguísticas da LIBRAS, mesmo que ele não a conheça, a exemplo da LIBRAS formal, logo, tal variedade linguística é aplicada em outras situações, diferentes da realidade do informante.

Nas questões 5, 6, 7 e 8, apresentam-se atitudes linguísticas intrinsecamente relacionadas às variações linguísticas. Logo, se em 5 desenha-se o quadro da variação geográfica, em 6, as diferenças estão relacionadas à variável e classe social, em que, no imaginário coletivo, acredita-se que o rico possua uma linguagem mais “refinada”; em 7 a variável em destaque é a idade, enquanto em 8 registra-se a variação estilística.

Em 9: Você acha que falar a LIBRAS diferente é falar errado?

(121)SS1: - *Certo, LIBRAS tá certo, LIBRAS errado, não, LIBRAS certo.*

(122)SS2: *Não, diferente, porque LIBRAS informal é mais simples e a LIBRAS formal é superior, é melhor.*

(123)SS3: (...)

(124)SS4:*Sem resposta*

Quanto à consciência linguística dos informantes, em 09, é possível perceber que estes informantes reconhecem a existência variacional na LIBRAS, no ato comunicativo, e que esta variação está relacionada, como no caso de SS2, à variedade de prestígio, ou seja, ao dizer

que a LIBRAS formal é superior, SS2 aciona estereótipos linguísticos de que existe uma variedade de prestígio, que é a formal e, portanto, superior à LIBRAS informal.

De acordo com Schlieben-Lange (1993), os estereótipos configuram lugar comum difundidos numa comunidade linguística, acarretando, muitas vezes “equivocos discursivos”, pois:

[...] há, de um lado, uma coexistência de diferentes discursos que concorrem entre si e que se compõem de elementos contraditórios e, de outro lado, instituições que se esforçam para impor e transmitir esses discursos para além de todas as experiências e em oposição a elas (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 96).

Em 10: Para você, existe algum tipo de diferença em relação ao desenvolvimento linguístico de um aluno surdo que aprende a LIBRAS como língua materna e aquele aluno surdo que aprende primeiro o português? Comente.

(125)SS1: *Não. Não. LIBRAS rápido.*

(126)SS2: *Surdo aprende mais rápido LIBRAS, depois o português.*

(127)SS3: *LIBRAS é muito mais rápido. O que aprender o português é muito mais difícil. Surdo não entende Português, é difícil, o contato é difícil.*

(128)SS4: *Pro surdo é LIBRAS, aí depois o surdo vai aprender o português, as palavras, os significados. Depois o interprete mostra as palavras em português. [...] existe diferença.*

Em 10, os informantes foram unânimes em dizer que a aprendizagem da LIBRAS é bem mais eficiente que o aprendizado do português, provavelmente tal postura esteja relacionada ao mito de que “português é difícil”, já que a LIBRAS é específica para o sujeito surdo, o que não acontece no português, tomado como uma língua coletiva, independente de quem seja o sujeito que a utiliza. Para nossos informantes, a LIBRAS seria um facilitador para o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, além de constituir a marca referencial de sua identidade linguístico-social.

Em 11: Qual é sua relação com o Português? Para você é importante aprendê-lo?

(129)SS1: *Ruim. Difícil, minha opinião.*



(130)SS2: *Aí as palavras é **difícil, difícil**, mas eu não entendia, copiava, aí pesquisa, pesquisa no dicionário, aí eu aprendia, aí eu copiava depois copiava, errava, errava, então é muito difícil, **aí o professor falava, ta errado, errado...** aí eu repetia, eu repetia, ou seja, não é bom, eu sofri muito. E depois copiando, copiando, e aprendendo o português. É importante, sim, antes era difícil, mas agora as palavras estão simples, porque eu estudei, estudei e aprendi.*

(131)SS3: *Sim. Tem que aprender.*

(132)SS4: ***Um pouco difícil, sofre**, tem que estudar, tem que esperar, aprender as palavras, porque no futuro, para poder evoluir, eu mesmo no vestibular é difícil passar, crescer a mente, entendeu?*

Reunimos os apontamentos da questão 11 com a 12, dada a proximidade que as marca.

Em 12: *Você acha o português uma língua fácil ou difícil para ser ensinada a uma pessoa surda?*

(133)SS1: *Sem resposta.*

(134)SS2: *Português **difícil**.*

(135)SS3: *Sim difícil. **Português é mais difícil**.*

(136)SS4: *Sem resposta.*

Nas perguntas 11 e 12, nossos informantes ratificam o mito de que “português é difícil”, contexto em que SS2 salienta o discurso de discriminação propagado na escola, quando o aluno não consegue desenvolver ou acompanhar uma determinada atividade, sendo tachado de burro ou cometedor de “erro”. Tal atitude também revela, de certo modo, um lugar de resistência em aprender a língua do outro, pois as atitudes constituem fator decisivo, junto à consciência linguística, na explicação da competência dos falantes, bem como influem na aquisição de segundas línguas (GÓMEZ MOLINA, 1996; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; BLANCO CANALES, 2004).

Em 13: *Você enxerga algum tipo de preconceito linguístico, por parte das pessoas ouvintes quanto ao uso ou ao ensino de LIBRAS enquanto língua dos Surdos? Pode dar exemplo?*

(137)SS1: *Algumas pessoas, sim [...] discriminam o surdo e a LIBRAS. Ouvinte discrimina.*

(138)SS2: *Eu sinto o preconceito das pessoas[...]indiferença; eu conheci uma pessoa quando eu trabalhava onde nem me olhava. [...] Eu já senti muito preconceito com as pessoas. Tem umas legais, mas tem um pouco de preconceito. [...]. Na faculdade tem muito preconceito, eu sinto isso; muito.*

(139)SS3: *Sim. Tem, às vezes, um pouco de preconceito sim. As pessoas ouvintes tem um pouco de preconceito sim.*

(140)SS4: *Não. Nunca encontrei pessoas que me discriminavam. Me convidam para dar palestras, viajar. Fico com pouco de vergonha, as pessoas ficam observando eu, eu tenho intérprete. Na primeira vez fiquei com vergonha [...].*

Na pergunta 13, sobre o preconceito linguístico em relação à LIBRAS ou ao surdo, verificamos que SS1, SS2, e SS3 são unânimes em afirmar a existência dessa situação. Por outro lado, SS4 diz que nunca sofreu preconceito, provavelmente porque ele mesmo se auto discrimina, ao afirmar “Fico com um pouco de vergonha”. Tal contexto, como já relatado anteriormente, possui raízes históricas relacionadas às atitudes sociais em relação à LIBRAS e ao sujeito surdo.

Em 14: *Você conhece alguma pessoa ouvinte e outra pessoa surda, aqui de Cáceres, que utilize a LIBRAS e que já tenha recebido algum elogio pelo seu modo de comunicar-se com os Surdos? Ou que sua maneira de falar tenha sido discriminada? Ou ainda, sofrido preconceito? Conte em poucas palavras.*

(141)SS1: *Já encontrei. Fala que a LIBRAS é bom, bonita, a maioria dos surdos acham bonita. Ouvintes, pouco.*

(142)SS2: *Às vezes eles acham LIBRAS bonito. Outras, olha, fala que feio não estou entendendo nada, que bagunça é essa? Não estou entendendo.*

(143)SS3: *(...) A comunicação difícil, precisa aprender, ouvinte, às vezes, acha bonito, acha feio.*

*(144)SS4: Conheço sim, já vi **muitas pessoas, olhou, achou bonito**. Muito tempo atrás na UNEMAT, eles ficaram me olhando, todos ficaram me olhando, como? Como o surdo sabe as coisas? Eles pensavam que o surdo não sabia de nada, aí o ouvinte perguntou para o intérprete, e explicou, e todos bateram palmas e eu agradei a todos.*

Em 14, observamos que nossos informantes percebem que algumas pessoas avaliam a LIBRAS como feia, ou há situações em que duvidam da capacidade intelectual de surdo, o que caracteriza um julgamento sobre o sujeito e não sobre a língua. Como apontado em Bagno (2003), o julgamento não é, na maioria das vezes, linguístico, mas social, afinal, durante muito tempo o surdo foi considerado um “deficiente”, inserido na mesma categoria do louco.

Por fim, passemos, na seqüência, a algumas considerações a partir das observações realizadas neste estudo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas neste trabalho cujo objetivo é investigar atitudes linguísticas manifestadas no contato da Língua Brasileira de Sinais com a Língua Portuguesa no contexto da comunidade surda, da qual fazem parte ouvintes e surdos, na cidade de Cáceres-MT, constataram atitudes de natureza tanto positiva quanto negativa.

Como nosso estudo se apresenta organizado segundo os grupos de informantes, no primeiro grupo – os gestores, observamos que as atitudes esboçadas por eles remetem a um saber e a um discurso público sobre a língua, em que estereótipos são evidenciados acerca da LIBRAS, provavelmente oriundos das raízes históricas que constituem o sujeito surdo e sua língua materna. Ademais, também constatamos que muitas atitudes dos gestores, quando avaliam a LIBRAS, estão intrinsecamente relacionadas às variações linguísticas e junto com estas delinea-se o preconceito linguístico-social.

O segundo grupo – o dos ouvintes intérpretes de LIBRAS, quase não destoa dos ouvintes gestores, visto que também retratam a realidade das variações geográficas, sociais e estilísticas, bem como ratificam, nesse contexto, alguns preconceitos linguísticos em relação à LIBRAS e ao sujeito surdo, visto que colocam, em alguns momentos, suas limitações como sendo a dos surdos na avaliação do português como língua fácil ou difícil para se aprender. Por outro lado, esses informantes pontuam a formação da LIBRAS, considerando os empréstimos que esta faz da Língua Francesa de Sinais, comportamento linguístico importante por serem estes informantes profissionais que lidam diretamente com a LIBRAS e com a educação do sujeito surdo. Além disso, pontuaram a variação como algo inerente a qualquer língua, aspecto linguístico positivo para a reflexão e atitudes linguísticas diante de uma língua.

Nosso terceiro grupo – o dos sujeitos surdos manifestou as seguintes atitudes linguísticas: em dado momento não considerou a existência de variação no modo de falar em LIBRAS, já que atestou o modo de falar em LIBRAS como “normal”. Os sujeitos surdos expressaram seu saber sobre a LIBRAS e um discurso público acerca dela, ratificado, em certos momentos, muitos estereótipos arraigados socialmente. Retrataram que o aprendizado da LIBRAS desde a infância ainda não é uma realidade na comunidade surda, fato que retarda a instituição, na prática, da LIBRAS como língua materna dos surdos, já que os sujeitos surdos, em sua maioria, acabam aprendendo a LIBRAS apenas depois de adultos.

Sobre as variações linguísticas, os sujeitos surdos constataram a existência das variações geográficas, sociais e estilísticas, ressaltando as variáveis de idade e classe social em suas atitudes.

Quanto ao aprendizado do português, deixaram entrever certa resistência em relação ao seu ensino, ratificando o mito propagado socialmente de que “português é difícil”. Além disso, tal resistência talvez se deva à percepção de sua própria língua materna, lugar em que encontra sua identidade linguística, coletiva e individualmente. Por fim, estes sujeitos também propagaram a marca do preconceito linguístico-social em várias atitudes manifestadas em seus discursos.

Esperamos que análises em pesquisas futuras sobre o tema vislumbrem outros aspectos das atitudes linguísticas do contato entre a LIBRAS e a Língua Portuguesa.

## REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes: quem fala a língua brasileira? In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.). **Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Niterói: EdUFF, 2008a.

AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 2, n. 37, p. 105-112, maio/ago. 2008b.

ALKMIM, T. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à linguística: domínio e fronteiras**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ALVES, M. I. P. M. **Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo: uma abordagem prévia**. 1979. 226f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 23. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

BARBOSA, G. C. **Atitudes linguísticas e identidade na fronteira Brasil/Colômbia**. 141 f. Tese (Doutorado em Linguística). Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 2004.

BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, J. L. (org). **Introdução à Linguística: I. objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 121-140

BIGONJAL-BRAGGIO, S. L. Aquisição e uso de duas línguas: Variedades, mudança de código e empréstimo. In: **Revista do Museu Antropológico**. v. 2. n. 1. p. 1-152. jan/dez, 1998.

BISINOTO, L. S. **Atitudes Sociolinguísticas em Cáceres-MT: efeitos do processo migratório**. 2000. 105f. . Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

BISINOTO, L. S. J. **Atitudes Sociolinguísticas: efeitos do processo migratório**. Campinas: Pontes Editores; RG Editores, 2007.

BLANCO CANALES, A. **Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares**. Alcalá de Henares, Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2004.

CALVET, J. L. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Trad. Marcos Macionillo. São Paulo: Parábola, 2002.

CARGILE, A. C.; GILES, H. Understanding language attitudes: exploring listener affect and identity. Great Brintain, ELIBRASevier Science Ltd. **Linguagem & Comunicação**, vol. 17, n°. 3, p. 195-217, 1997.

CARGILE, A.C. et al. Language attitudes as a social process: a conceptual model and new directions. Great Brintain, ELIBRASevier Science Ltd. **Linguagem&Comunicação**, v. 14, n°. 3, p. 211-236, 1994.

CARVALHO, P. V. **História dos Surdos no Mundo**. Lisboa: Editora Surd'Univers, 2007.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. et al. **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

CYRANKA, L. F. M. **Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora – MG**. 2007. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

CORBARI, C. C. **Atitudes Linguísticas**: um estudo nas localidades paranaenses e Irati e Santo Antônio do Sudoeste. 2013. 259f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

DIAS, V. L. L. **Rompendo a barreira do silêncio**: interações de uma aluna surda incluída em uma classe do ensino fundamental. 2006. 164f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2006.

DUBOIS, J. (org.) **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

FENNER, A. L.; CORBARI, C. C. Crenças e atitudes linguística em contexto de colonização por descendentes de imigrantes europeus: um estudo das comunidades paranaenses de Irati e Marechal Cândido Rondon. In: **CONGRESSO 142 INTERNACIONAL DA ABRALIN**. 2011, Curitiba. Anais do VII Congresso Internacional da ABRALIN, Curitiba, Brasil: UFPR, 2011.

FERREIRA-BRITO, L. **Integração social e educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

FERREIRA-BRITO, L. Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. In: \_\_\_\_\_ et al. (Org.). **Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental/vol.III**: Língua Brasileira de Sinais. Brasília: MEC/SEESP, 1998. (Série Atualidades Pedagógicas).

FISHMAN, J. Bilingual attitudes and behaviors. In: **Bilingualism in the barrio**. Bloomington: Indiana University, 1971.

FISHMAN, J. A. **The sociology of language**: an interdisciplinary social science approach to language in society. Rowley, Massachusetts: Newbury, 1972.

FISHMAN, J. **Sociología del lenguaje**. Trad. Ramón Sarmiento e Juan Carlos Moreno. Madri: Ediciones Cátedra, 1995.

GIMENES-MORALIS, E. **Dialetos em contato**: um estudo sobre atitudes linguísticas. 2000. 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

GIMENES-SILVA, E. **Contatos de Línguas**: atitudes linguísticas da interação entre o falar boliviano e o falar cacerense. 2016. 105f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística. Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres-MT, 2016.

GÓMEZ MOLINA, J. R. Actitudes lingüísticas en Valencia y su área metropolitana: evaluación de cuatro variedades dialectales. In: **CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE LA AMÉRICA LATINA – ALFAL**, 11., 1996, Las Palmas de Gran Canaria. Actas... Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1996. v. 2, p. 1027-1042.

GUARINELLO, A.C.; MASSI, G.A.A.; BERBERIAN, A. P. Surdez e Linguagem Escrita: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.13, p.205-218, 2007.

HASPELMATH, M.; TADMOR, U. **Loanwords in the World's Languages**: A Comparative Handbook. Lexical Borrowing: Concepts and issues. De Gruyter Mouton, 2009.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1977.

LACERDA, C.B.F.de. A prática fonoaudiológica frente as diferentes concepções de linguagem. **Revista Espaço**, Instituto de Educação de Surdo, v.10, p.30-40, 1998.



LAMBERT, W. A social psychology of bilingualism. **Journal of social Issues**, 23, 91- 109, 1967.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. 4 ed. Trad. Dante Moreira Leitel. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

LAMBERT, W. HODGSON, R., GARDNER, R. ; FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. **Journal of Abnormal and Social Psychology** 60, 44-51. 1960.

LEITE, T. A. Língua, Identidade e Educação de Surdos. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/1912>>. Acesso em: 09. Jan. 2017.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação Especial no Brasil**: histórias e políticas públicas. São Paulo: Cortez, 1996.

MACEDO-KARIM, J. **A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT**: aspectos linguísticos e culturais. 175f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MATTOSO CAMARA JR, J. **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

MOTA, J. A. Teste de reação subjetiva: relatório de uma experiência. In: FERREIRA et al. **Diversidade do português do Brasil**: estudos de dialectologia rural e outros. 2. ed. rev. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

ORDEN, M. E. Contacto de lenguas y transferencias léxicas em la Patagonia norte. In: HIPPERDINGER, Y. (comp). **Lenguas**: conceptos y contactos. Bahía Blanca: Editorial de la Universidad Nacional del Sur. Ediuns, 2014.

PLANN, S. A. **Silent minority**: deaf education in Spain, 1550-1835. Berkeley: University of California Press, 1997.

PERLIN, G. **História dos Surdos**. Florianópolis: UDESC/CEAD, 2002.

PRETI, D. **A gíria e outros temas**. São Paulo: Edusp, 1984.

PRETI, D. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In: PRETI, D. (org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. v. 4, p. 241-255

PUOLTATO, D. **Francese-italiano, italiano-‘patois’**: il bilingüismo in Valle D’Aostafrealtà e ideologia. Bern: Peter Lang, 2006.

RONA, J. P. El status social y cultural del guarani en el Paraguay. In: CORVALAN, G.; GRANDA, D. (comp). **Sociedad y lengua: bilingüismo en el Paraguay**. Assunción: CEPES, 1966.

SACKS, O. **Vendo vozes**: uma jornada pelo mundo dos surdos. Rio Janeiro:Imago, 1989.

SANTOS, E. **O adolescente e a percepção do valor de variantes linguísticas**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1973.

SARNOFF, I. Social attitudes and the resolution of motivational conflict. In Jahoda, M. and Warren, N. (Eds), **Attitudes**, pp. 279-284. Penguin, Harmondsworth, 1970.

SCHLIEBEN-LANGE, B. **História do falar e história da linguística**. Trad. Fernando Tarallo et. al. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1993.

SILVA, V. et al. Educação de surdos: Uma Releitura da Primeira Escola Pública para Surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: QUADROS, R. M. (org). **Estudos surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. p.324.

SKLIAR, C. B. (org.) **A surdez**: uma olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SKLIAR, C. B. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a educação e a psicologia dos surdos. In: Carlos Skliar. (org.). **Educação & Exclusão**. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 1997, v. 1, p. 105-155

SOUZA, R. M. Situação Bilíngue Nacional. In: **Seminário Surdez, cidadania e educação**: refletindo sobre os processos de exclusão e inclusão, 1998. Anais do Seminário Surdez,

Cidadania e Educação: refletindo sobre os processos de exclusão e inclusão. Rio de Janeiro, 1998. p.36-45.

STROBEL, K. L. **Surdos**: vestígios culturais não registrados na história. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2006.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1975].

**ANEXOS**

## FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO INFORMANTE

➤ O INFORMANTE:

1. NÚMERO DO ÁUDIO/VÍDEO DO INFORMANTE:

1.1. Nome:

1.2. Sexo:

1.3. Idade:

1.4. Naturalidade:

1.5. Estado civil:

1.6. Naturalidade do (a) esposo (a):

1.7. Escolaridade:

1.8. Profissão:

1.9. Atualmente:

1.10. Endereço comunidade atual:

2. O PAI:

2.1. Naturalidade:

3. A MÃE:

3.2. Naturalidade:

4. OBSERVAÇÕES QUANTO AO COMPORTAMENTO GERAL DO INFORMANTE DURANTE A ENTREVISTA:

---

---

---

---

---

## ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTAS

### QUESTIONÁRIO: SUJEITOS SURDOS

- 1) Onde você nasceu?
- 2) Onde seus pais nasceram?
- 3) Você já morou em outras cidades? Por quanto tempo?
- 4) Quais os pontos positivos de morar em Cáceres? E os negativos?
- 5) Você já nasceu surdo? (Se não, quando ficou)?
- 6) Existem surdos na família? Como acontecia a comunicação em casa?
- 7) Como foi quando descobriu que era surdo? Descreva sua experiência.
- 8) Quando aconteceu seu primeiro contato com um surdo? Como foi?
- 9) Você sentiu alguma dificuldade ou desconforto ao se comunicar com esse surdo?  
Como aconteceu essa comunicação?
- 10) Em LIBRAS ou em Português você foi alfabetizado?
- 11) Para você, qual é sua primeira língua? Qual você considera ter domínio?
- 12) Como foi seu primeiro contato com a LIBRAS? Onde aprendeu?
- 13) O que você pensava ou imaginava da LIBRAS antes de conhece-la? E agora?
- 14) Você possui amigos que falam/usam a LIBRAS para se comunicar? São pessoas surdas ou ouvintes?
- 15) Seus amigos surdos que falam/usam moram em Cáceres ou em outras cidades?
- 16) Seus amigos são integrantes de alguma comunidade surda da cidade?
- 17) Como a LIBRAS faz parte do seu dia-a-dia fora da escola?
- 18) Você participa de alguma outra comunidade surda fora da escola regular? Qual? O que vocês fazem?
- 19) Na Comunidade Surda que você faz parte é preciso escolher um jeito diferente para se comunicar com cada pessoa surda, ou não?
- 20) Para você a Língua de Sinais é universal – LIBRAS(ou seja, é igual em qualquer país)?  
Por quê?
- 21) Você sente satisfação em falar a LIBRAS? Por quê?
- 22) Você conhece a história do surgimento da LIBRAS no mundo e no Brasil?
- 23) Você costuma estudar ou pesquisar a LIBRAS?
- 24) E quais curiosidades e peculiaridades sobre esta língua você conhece?
- 25) Você conhece a Lei 10.436/ Decreto 5.626?

- 26) Para você, a LIBRAS descrita na lei se assemelha ou se distancia da realidade linguística que você costuma ter contato diariamente?
- 27) Dentro da escola seu contato diário com a LIBRAS acontece de que maneira?
- 28) Para você a LIBRAS é uma língua só para surdos?
- 29) Você conhece ou já ouviu falar em algum curso sobre o ensino da LIBRAS na cidade de Cáceres?
- 30) Como você analisa a reação das pessoas ouvintes, que não conhecem a LIBRAS, ao terem um primeiro contato com ela? Como e o que pensam sobre essa língua?
- 31) Quais metodologias de ensino para pessoas surdas você conhece? E com quais, você já teve ou tem contato?
- 32) Na sua escola qual metodologia é adotada para ensinar os alunos surdos?
- 33) Para você, qual seria a metodologia mais indicada para o ensino dos Surdos?
- 34) Você conhece algum surdo que tenha como língua materna a LIBRAS?
- 35) Qual é a língua materna utilizada pela maioria dos Surdos que você conhece?
- 36) Para você qual é a importância da utilização da LIBRAS como língua materna para os Surdos?
- 37) Você acredita que os surdos de outras cidades, que utilizam a LIBRAS, falem de outra maneira dos surdos de Cáceres?
- 38) Você acredita que as pessoas surdas ricas/pobres, que utilizam a LIBRAS, falem da mesma maneira? Comente.
- 39) Entre a fala do surdo mais novo e mais velho você acredita que existe diferenças? Comente.
- 40) Em qualquer situação você fala/usa a LIBRAS do mesmo jeito?
- 41) Você acha que falar a LIBRAS diferente é falar errado?
- 42) Para você, existe algum tipo de diferença em relação ao desenvolvimento linguístico de um aluno surdo que aprende a LIBRAS como língua materna e aquele aluno surdo que aprende primeiro o português? Comente.
- 43) Como ocorreu seu primeiro contato com a língua dos ouvintes?
- 44) Qual é sua relação com o Português? Para você é importante aprendê-lo?
- 45) Para você, quais são as maiores barreiras encontradas pelos professores na comunicação com alunos surdos?
- 46) Você acha o português uma língua fácil ou difícil para ser ensinada a uma pessoa surda?

- 47) Como você analisa a reação das pessoas ouvintes, que não conhecem a LIBRAS, ao terem um primeiro contato com ela? Como e o que pensam sobre essa língua?
- 48) Para você, o fato de Cáceres ser uma cidade universitária e contar com um grande fluxo de pessoas de outras regiões do país, influência de maneira positiva ou negativa o desenvolvimento da fala dos usuários da LIBRAS da cidade? Por quê?
- 49) Você enxerga algum tipo de preconceito linguístico, por parte das pessoas ouvintes quanto ao uso ou ao ensino de LIBRAS enquanto língua dos Surdos? Pode dar exemplo?
- 50) Você conhece alguma pessoa ouvinte e outra pessoa surda, aqui de Cáceres, que utilize a LIBRAS e que já tenha recebido em algum elogio pelo seu modo de comunicar-se com os Surdos? Ou que sua maneira de falar tenha sido discriminada? Ou ainda, sofrido preconceito? Conte em poucas palavras.



## **ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA**

### **QUESTIONÁRIO: SUJEITO OUVINTE -INTÉRPRETES**

1. Onde você nasceu?
2. Onde seus pais nasceram?
3. Você já morou em outras cidades? Por quanto tempo?
4. Quais os pontos positivos de morar em Cáceres? E os negativos?
5. Existem surdos na família? Se sim, como acontecia a comunicação em casa?
6. Quando aconteceu seu primeiro contato com um surdo? Como foi?
7. Você sentiu alguma dificuldade ou desconforto ao se comunicar com esse surdo? Como aconteceu essa comunicação?
8. Como foi seu primeiro contato com a LIBRAS? Onde aprendeu?
9. O que você pensava ou imaginava da LIBRAS antes de conhece-la? E agora?
10. Você possui amigos que falam/usam a LIBRAS para se comunicar? São pessoas surdas ou ouvintes?
11. Seus amigos surdos que falam/usam moram em Cáceres ou em outras cidades?
12. Como a LIBRAS faz parte do seu dia-a-dia fora da escola?
13. Você participa de alguma outra comunidade surda fora da escola regular? Qual? Onde? O que vocês fazem?
14. O que você pensava ser a profissão de intérprete antes da experiência de sala de aula? E agora? Alguma coisa mudou?
15. Na sua profissão, é preciso escolher um jeito diferente para se comunicar com cada pessoa surda, ou não?
16. Para você a LIBRAS – Língua de Sinais é universal? Por quê?
17. Você conhece a história do surgimento da LIBRAS no mundo e no Brasil?
18. Você costuma estudar ou pesquisar a LIBRAS?
19. E quais curiosidades e peculiaridades sobre esta língua você conhece?
20. Você conhece a Lei 10.436/ Decreto 5.626?
21. Para você, a LIBRAS descrita na Lei se assemelha ou se distancia da realidade linguística que você costuma ter contato diariamente?
22. Para você, essa Lei é aplicada ou não na escola em que você trabalha? Para você de que maneira acontece a disseminação e a propagação da LIBRAS dentro da escola que você trabalha? E fora dela?

23. ENQUANTO intérprete, como você analisa essa lei?
24. Dentro da escola seu contato diário com a LIBRAS acontece de que maneira?
25. Para você a LIBRAS é uma língua só para surdos?
26. Você conhece ou já ouviu falar em algum curso sobre o ensino da LIBRAS na cidade de Cáceres?
27. Para você, enquanto intérprete, qual é a relação de interatividade da LIBRAS existente na cidade de Cáceres – MT entre seus usuários (alunos surdos, alunos ouvintes, interpretes, gestores, escolas e sociedade)?
28. Quais as metodologias de ensino para pessoas surdas que você conhece? E com quais, você já teve ou tem contato?
29. Na sua escola qual metodologia é adotada para ensinar os alunos surdos?
30. Considerando sua experiência, como intérprete, e seu contato diário com o ensino da LIBRAS em sala de aula, para você, qual seria a metodologia mais indicada para o ensino dos Surdos?
31. Você conhece alguma pessoa surda que tenha como língua materna a LIBRAS?
32. Qual é a língua materna utilizada pela maioria dos Surdos que você conhece?
33. Para você qual é a importância da utilização da LIBRAS como língua materna para os Surdos?
34. Você acredita que os surdos de outras cidades, que utilizam a LIBRAS, falem igual ou diferente dos surdos de Cáceres?
35. Você acredita que as pessoas surdas ricas e as pessoas surdas pobres, que utilizam a LIBRAS, falem da mesma maneira? Comente:
36. Entre a fala do surdo mais novo e do de surdo mais velho você acredita que há diferenças? Quais?
37. Em qualquer situação você fala/usa a LIBRAS do mesmo jeito?
38. Você acha que falar a LIBRAS diferente é falar errado?
39. Para você existe algum tipo de diferença em relação ao desenvolvimento linguístico de um aluno surdo que aprende a LIBRAS como língua materna e aquele aluno surdo que aprende primeiro o português? Comente:
40. Para você, quais são as maiores barreiras encontradas pelos professores na comunicação com alunos surdos?
41. Você acha o Português uma língua fácil ou difícil para ser ensinada a uma pessoa surda?
42. Como você analisa a reação das pessoas ouvintes, que não conhecem a LIBRAS, ao terem um primeiro contato com ela? Como e o que pensam sobre essa língua?

43. Para você, o fato de Cáceres ser uma cidade universitária e contar com um grande fluxo de pessoas de outras regiões do país, influencia de maneira positiva ou negativa o desenvolvimento da fala dos usuários da LIBRAS da cidade? Por quê?
44. Você enxerga algum tipo de preconceito linguístico, por parte das pessoas ouvintes quanto ao uso ou ao ensino de LIBRAS enquanto língua dos Surdos? Pode dar exemplos?
45. Você conhece alguma pessoa ouvinte e outra pessoa surda, aqui de Cáceres, que utilize a LIBRAS e que já tenha recebido algum elogio pelo seu modo de comunicar-se com os Surdos? Ou que sua maneira de falar tenha sido discriminada? Comente:

## ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTAS

**QUESTIONÁRIO: SUJEITO OUVINTE –GESTORES(DIRETOR, COORDENADOR PEDAGÓGICO)**

1. Onde você nasceu?
2. Onde seus pais nasceram?
3. Você já morou em outras cidades? Por quanto tempo?
4. Quais os pontos positivos de morar em Cáceres? E os negativos?
5. Existem surdos na sua família?
6. Quando aconteceu seu primeiro contato com um surdo? Como foi?
7. Você sentiu alguma dificuldade ou desconforto ao se comunicar com ele? Como aconteceu essa comunicação?
8. Como foi seu primeiro contato com a LIBRAS?
9. O que você pensava ou imaginava da LIBRAS antes de conhecê-la? E agora?
10. Você possui amigos que falam/usam a LIBRAS para se comunicar? São pessoas surdas ou ouvintes?
11. Como a LIBRAS faz parte de seu dia-a-dia fora da escola?
12. Você participa de alguma comunidade surda fora da escola regular? Qual? Onde? O que vocês fazem?
13. Para você, a Língua de Sinais – LIBRAS é universal? Por quê?
14. Você conhece a história do surgimento da LIBRAS no mundo e no Brasil?
15. Você costuma estudar ou pesquisar a LIBRAS?
16. E quais curiosidades e peculiaridades sobre esta língua você conhece?
17. Você conhece a Lei 10.436/ Decreto 5.626?
18. Para você, a LIBRAS exposta na Lei se assemelha ou se distancia da realidade linguística que você costuma ter contato diariamente?
19. A Lei é aplicada ou não na escola em que você trabalha? Como acontece a disseminação e propagação da LIBRAS dentro e fora da escola?
20. Enquanto gestor, como você analisa essa Lei?
21. Dentro da escola seu contato diário com a LIBRAS acontece de que maneira?
22. Para você a LIBRAS é uma língua só para surdos?
23. Você conhece ou já ouviu falar em algum curso sobre o ensino da LIBRAS na cidade de Cáceres?

24. Para você, enquanto gestor(a), qual é a relação de interatividade da LIBRAS existente na cidade de Cáceres-MT entre seus usuários? (Alunos surdos, alunos ouvintes, professores, intérpretes, gestores, escolas e sociedade)?
25. Quais as metodologias de ensino para pessoas surdas que você conhece? E com quais, você já teve ou tem contato?
26. Na sua escola qual metodologia é adotada para ensinar os alunos surdos?
27. Considerando sua experiência, como gestor, e seu contato diário com o ensino da LIBRAS, para você qual seria a metodologia mais indicada para o ensino dos Surdos?
28. Você conhece algum surdo que tenha como língua materna a LIBRAS?
29. Qual é a língua materna utilizada pela maioria dos Surdos que você conhece?
30. Para você qual é a importância da utilização da LIBRAS como língua materna para os Surdos?
31. Você acredita que os surdos de fora, que utilizam a LIBRAS, falem de outra maneira dos surdos de Cáceres?
32. Você acredita que as pessoas surdas ricas/pobres, que utilizam a LIBRAS, falem da mesma maneira? Comente.
33. Entre a fala do surdo mais novo e mais velho você acredita que existe diferenças? Comente.
34. Em qualquer situação você fala/usa a LIBRAS do mesmo jeito?
35. Você acha que falar a LIBRAS diferente é falar errado?
36. Para você, existe algum tipo de diferença em relação ao desenvolvimento linguístico de um aluno surdo que aprende a LIBRAS como língua materna e aquele aluno surdo que aprende primeiro o português? Comente:
37. Para você, quais são as maiores barreiras encontradas pelos professores na comunicação com alunos surdos?
38. Você acha o português uma língua fácil ou difícil para ser ensinada a uma pessoa surda?
39. Como você analisa a reação das pessoas ouvintes, que não conhecem a LIBRAS, ao terem um primeiro contato com ela? Como e o que pensam sobre essa língua?
40. Para você, o fato de Cáceres ser uma cidade universitária e contar com um grande fluxo de pessoas de outras regiões do país, influência de maneira positiva ou negativa o desenvolvimento da fala dos usuários da LIBRAS da cidade? Por quê?

41. Você enxerga algum tipo de preconceito linguístico, por parte das pessoas ouvintes quanto ao uso ou ao ensino de LIBRAS enquanto língua dos Surdos? Pode dar exemplo?
42. Você conhece alguma pessoa ouvinte e outra pessoa surda, aqui de Cáceres, que utilize a LIBRAS e que já tenha recebido algum elogio pelo seu modo de comunicar-se com os Surdos? Ou que sua maneira de falar tenha sido discriminada? Comente: